

Sérgio Motti Trombelli



**As
pessoas espirituais
de
Fernando Pessoa**

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespirita.org.



www.ebookespirita.org

Sérgio Motti Trombelli

As
peessoas espirituais
de
Fernando Pessoa

Índice

I-	Prefácio
II-	Uma nota introdutória
III-	Outra nota introdutória
IV-	Fernando Pessoa, a pessoa
V-	Mediunidade, considerações.....
VI-	Fernando Pessoa era médium ?.....
VII-	Os heterônimos e a mediunidade e Pessoa
VIII-	A doutrina espírita à luz da psicografia pessoana
IX-	Uma conclusão (seria possível ?)
X-	Bibliografia

“Todo aquele que sente, num grau qualquer, a influência dos Espíritos é, por esse fato, médium. Essa faculdade é inerente ao homem; não constitui, portanto, um privilégio exclusivo. (...) Pode, pois, dizer-se que todos são, mais ou menos, médiuns.

Allan Kardec

"O pensamento é o laço que nos une aos Espíritos, e pelo pensamento nós atraímos os que simpatizam com as nossas ideias e inclinações".

Allan Kardec

A mediunidade - maravilhosa ponte que liga o mundo físico ao espiritual, a Terra ao Espaço - descerra as portas do Infinito, possibilitando o amoroso reencontro das almas desencarnadas com as encarnadas.

(Martins Peralva em Pensamento de Emmanuel)

(...) Sendo luz que brilha na carne, a mediunidade é atributo do Espírito, patrimônio da alma imortal, elemento renovador da posição moral da criatura terrena, enriquecendo todos os seus valores no capítulo da virtude e da inteligência, sempre que se encontre ligada aos princípios evangélicos na sua trajetória pela face do mundo.

(Emmanuel em O Consolador)

(...) Mediunidade é sintonia e filtragem. Cada Espírito vive entre as forças com as quais se combina, transmitindo-as segundo as concepções que lhe caracterizam o modo de ser.

(André Luiz em Nos domínios da Mediunidade)

II – Uma nota introdutória

Para se abordar Fernando Pessoa dentro dos pressupostos da doutrina espírita é preciso coragem, ou muita fé. Simplesmente porque ele foi o maior poeta português depois de Camões e isso não é pouca coisa. Sobre ele há um infindável número de trabalhos, e o assunto não está esgotado, afinal novas leituras são sempre possíveis. Esta é mais um caso.

Minha formação acadêmica é em Letras, mas antes dela, mesmo quando estudante secundarista, Fernando Pessoa já me fascinava, assim como a um número grande de estudantes que amavam a literatura como eu.

Com o tempo, em cursos universitários e pós-graduação, alguns mestres tentaram fixar em mim a ideia de que os heterônimos de Pessoa eram textos diferentes de um mesmo autor. Simples assim. Nunca acreditei nisso, afinal a forma como foram escritos, sua diversidade, a individualidade de cada um, os estilemas de cada heterônimo, mostram que esta obra de inúmeras facetas não pode ter sido escrita por apenas uma mente, mesmo sendo ela tão genial.

Quem leu Parnaso Contemporâneo de Chico Xavier encontra naquelas páginas inúmeros poetas psicografados pelo nosso maior médium. Aqueles textos, com assinatura, estilo próprio, atestam que muitos foram os espíritos

que compareceram para deixar ali seus poemas. Para os que creem na doutrina espírita, não há dúvida disso.

Contudo, Pessoa continua a desafiar a lógica em nome de uma “dupla personalidade”, ou tripla, ou sei lá quantas. A crítica literária tradicional nunca quis “confinar” Pessoa num caso de psicografia, preferindo transformá-lo num homem plural, de inúmeros alter-egos, capaz de se multiplicar em inúmeros textos de estilos e temáticas diferentes e com isso fazer de Pessoa num caso *sui generis* em toda história da Literatura Universal. Para os críticos, seria simplório demais aceitá-lo como nós aceitamos o Chico.

Assim, muito a gosto do academicismo, Pessoa perdura como a crítica deseja rotulá-lo: um homem com personalidades múltiplas, manifestadas nos chamados “heterônimos”, (de heteros = diferente + ónoma = nome), autores fictícios, a quem se atribui “personalidade”. Embora três sejam os mais famosos, Pessoa teve muitos heterônimos.

Sendo assim, este poeta português, assumiu outras personalidades como se fossem pessoas reais, capazes de encantar a todos pela sua variedade de textos. Esta é a leitura que é feita dele.

A nossa será outra.. Aliás, diga-se de saída: será uma leitura passional e documental tanto quanto possível, afinal a paixão por Pessoa existe e existirá sempre, assim como a paixão pela doutrina espírita. Em momento nenhum esta leitura irá diminuir Pessoa, ao contrário, para nós, espíritas, ele irá crescer ainda mais, uma vez que para nós ele se manteve como poeta, isto é, como Fernando Pessoa Ele-mesmo, cuja genialidade está atestada em toda a sua obra e isto é indiscutível, haja vista sua produção literária e sobretudo o poema antológico *Mensagem*. Mas, ao mesmo tempo, Pessoa transcende a sua própria pessoa, e ganha um foro especial de transmissão de um outro saber: o espiritual, fruto de sua mediunidade, a qual acreditamos tê-lo acompanhado ao longo de sua existência.

Creemos que além de poeta, ele tenha sido transmissor de um saber que ajuda a caminhada de inúmeras pessoas até os dias atuais, consciente ou inconscientemente porque suas palavras batem no íntimo de quem as lê, haja vista que, quer como Pessoa, ou como seus heterônimos, ele traz informações a nós todos sobre doutrina, se levarmos em conta esta religião que se expande, que ganha adeptos e mais adeptos no mundo todo: o Espiritismo.

Tenho a certeza de que para os que não professam esta doutrina aceitá-lo como sendo um médium que psicografava, ao mesmo tempo em que criava por si mesmo, quando não incorporado, seria diminuir seu valor literário. Afinal, os textos não seriam mais dele, e sim dos médiuns, tal como ocorreu com Chico Xavier.

Ademais, não sendo de Pessoa, os textos psicografados, não poderiam, porque não seria ético, serem vendidos em coletâneas e outras publicações. Ressalte-se que Chico, dizendo que os textos não era dele, jamais aceitou um centavo de tudo que escrevia, utilizando os proventos de sua psicografia literária ou não, nas obras sociais que praticava. É o famoso “dar de graça o que recebeu de graça”.

No caso de Fernando Pessoa, já que somente após sua morte sua obra foi em parte publicada, isto seria um problema comercial, afinal, se fossem psicografias, a quem pertenceria todo este acervo, e os lucros? Por isto, mantiveram a “grandeza” de Pessoa dentro desta faceta heteronímica, através da qual ele se tornou muitos a partir de um só. Muito convenientemente...

Assim, tendo como base doutrinária o que foi codificado por Kardec e, sobretudo, relendo com olhos espirituais poemas e trechos da obra pessoana, nos arriscamos a um novo olhar na produção literária deste gênio e médium.

Àqueles que professam outra fé, ou que, mesmo sem fé alguma, quiserem ficar presos no academicismo tradicional sobre Fernando Pessoa, afirmamos de saída que a polêmica não é nossa intenção e suas críticas não encontrarão respostas de minha parte, afinal, não escrevo para eles e sim

para aqueles que como eu aceitam o Espiritismo como doutrina e prática de vida.

E que assim seja!

III- Outra nota introdutória

O caráter sublime da arte sempre foi de cogitação dos estudiosos. Há os que entendem o fazer artístico como sendo uma mera questão de técnica, e às vezes é isso mesmo. Mas há quem valorize o sublime dentro da criação artística. Quem pode dizer que não existe uma inspiração que foge ao meramente humano em tantas e tantas criações na Música, na Pintura, Escultura e , da mesma forma, na Literatura.

Há, em muitas peças algo de sagrado, tamanho o alcance que as manifestações artísticas possuem. Assim, artistas, os verdadeiramente artistas, são seres abençoados que trazem consigo o dom de poder se comunicar com o alto e de sorverem toda uma sensação especialíssima que escapa a nós

outros, porque estes artistas transcendem seu tempo e ficam eternizados para servirem de inspiração aos que virão.

Para os espíritas, muitos destes seres humanos especiais são médiuns. Eles detêm consigo o liame da unidade espiritual e o poder da espiritualidade que todos temos, neles se potencializa e com isso os véus que cegam parcialmente nossa visão, a eles se descortinam e pelas mãos dos espíritos, associados à capacidade que cada artista possui, para se expandir além dos limites do meramente humano.

Em *A representação da experiência espiritual na literatura: Uma tentativa de aproximação entre literatura e teologia* Cíntia Maritz dos Santos Ferraz Machado, mesmo não sendo uma obra de cunho espírita, sentencia:

... o encontro com Deus se nos faz por intermédio da linguagem, ou seja, por meio do discurso, visto que as experiências espirituais só se nos tornam acessíveis por intermédio da comunicação. Essa experimentação espiritual - que nos leva ao encontro com Deus - segue o caminho da analogia no que tange às questões da linguagem. Se escutamos a palavra de Deus e enxergamos nela a Sua força, e se queremos descrever ou discorrer sobre Deus, temos então Cristo como meio único e privilegiado para O conhecer, considerando, assim, sua natureza divino-humana. Portanto, se queremos conhecer algo da palavra divino-humana, devemos seguir o caminho do intercâmbio de predicados aplicado ao conceito de linguagem; e devemos descrever a realidade humana assumida por Deus ...

Não foi à toa que durante séculos, na antiguidade, a criação poética era considerada uma “inspiração dos deuses”. Sobre esta temática, Sócrates é enfático ao afirmar que os verdadeiros poetas não compuseram seus poemas como técnicos que dominavam uma arte – a da palavra, mas sim como seres

inspirados, ou até mesmo possuídos. Neste sentido, esta “possessão” poderia muito bem se assemelhar ao transe mediúnico.

Para ele , a prevalência da técnica não era condição *sine qua nom* para a grandeza da poesia. O contrário era o mais apreciado: a poesia seria melhor quanto menos fosse a intervenção intelectual do ser humano. No fundo, o poeta seria um mero meio de transmissão da inspiração vinda dos deuses.

Quando Platão descreve a “loucura poética” pelas Musas , através da fala de Sócrates, a afirmação de que aquele que se dispõe a compor poesia a partir da habilidade, será sempre um poeta que falhou em relação ao verdadeiramente inspirado, o que decorre das dádivas das Musas, que são de natureza esquiva e misteriosa, inacessíveis à vontade dos mortais, não podendo ser confinadas aos modelos de criações do engenho humano.

Ressalta-se a preocupação de Platão em limitar a criação por parte divina à vontade da Musa, preservando com raro cuidado a separação urdida entre o saber/fazer da técnica e a criação inspirada pelo divino.

Mais ainda, a inspiração apresenta-se através de duas formas: uma pessoal, e outra maior, mais ampla, transmitida pelos espíritos elevados, que retiram para a arte elementos das mais puras fontes e comunicam seus efeitos a um ser que os põe em obra por seus meios próprios e naturais. A Arte bem produzida e bem compreendida é poderoso meio de elevação e renovação.

Ora, é esta a finalidade da arte mediúnica. Seu valor, embora dentro de uma técnica que se exige do verso, prima pelo conteúdo e pela doutrina, pois é fonte de uma pedagogia espiritual capaz de abrir corações e mentes e aclarar caminhos com luzes fortes para o aprimoramento da vida, dos seres, do próprio mundo onde vivemos.

Por esta razão é que Kardec, em se referindo à mediunidade, cuja afinidade se assenta na prevalência da criação inspirada pelo divino sobre a técnica sempre nos dá um sentido de continuidade. É que a mediunidade pré-estabelecida está ligada à preparação do Espírito a reencarnar com a

condição de levar o conhecimento e melhorias aos demais encarnados, como podemos ver abaixo nas palavras do próprio Allan Kardec:

Os homens de gênio em todos os gêneros, artistas, sábios, literatos, são sem duvida espíritos avançados capazes por si mesmos compreenderem e ou conceber grandes coisas. Ora, precisamente porque são julgados capazes, que os Espíritos que querem o cumprimento de certos trabalhos, lhe surgiram as ideias necessárias, é assim que eles, as mais das vezes, são médiuns sem saberem.

(Livro dos Médiuns cap XV item 183).

Neste sentido é que entendo Fernando Pessoa, mesmo tendo ele sido um *expert* do verso, ele foi , sobretudo, um inspirado pelos espíritos do alto, ora psicografando, ora compondo por si mesmo uma poética exemplar que fez deste controvertido espírita um poeta especial, , uma pessoa especial, capaz de encantar, sobretudo a nós, igualmente espíritas que faremos de sua obra uma leitura doutrinária como irei propor neste livro

IV- Fernando Pessoa, a pessoa.

Quem foi este homem sobre o qual inúmeras dissertações, textos e ensaios foram e ainda são escritos?.

Como ser humano , foi controvertido. Fernando Antônio Nogueira de Seabra Pessoa nasceu em Lisboa, no dia 13 de junho de 1888. Transferiu-se com sua família para Natal, província da União Sul Africana e fez seus estudos na High School, em Durban, recebendo uma educação inglesa, que acabou marcando-o por toda a vida, inclusive permitindo que escrevesse poemas em Língua Inglesa com perfeição.

Ainda jovem, regressa a Portugal, quando era crescente o modernismo literário. Como fosse interessado pela Literatura , Fernando acabou frequentando rodas de escritores portugueses e enturmou-se com autores do modernismo nascente. Aos 25 anos lançou o poema *Pauis*, publicado na revista literária Orfeu, e esta contribuição serviu para engrossar a tendência do modernismo em Portugal.

Com o tempo, o modernismo português se instaurou e de pronto acabou derrubando os padrões românticos de então, tendo nas suas fileiras Fernando Pessoa .

Embora escrevesse usando seu próprio nome, logo passou a usar heterônimos, os tais “nomes imaginários” que a crítica aceita e tece sobre eles teorias em torno da dupla, personalidade pessoana. Esta forma de se despersonalizar, rapidamente acabou apresentando um contorno definido com os poetas : Alberto Caeiro, Ricardo Reis e Álvaro de Campos. Mais tarde, inúmeros outros heterônimos surgiriam, sobre os quais falaremos adiante. Todos tinham estilos diferentes e temáticas diversas.

Fernando Pessoa foi, praticamente um celibatário, viveu no ambiente da pequena burguesia de Lisboa, o que o obrigava a trabalhar como tradutor correspondente . Seu físico era pequeno, era uma pessoa discreta, com hábitos moderados, embora se excedesse às vezes na bebida.

No período de 1925-1934, o poeta se recolhe cada vez mais no silêncio de seu quarto. Passa a se interessar por política, teosofia e pela “doutrina secreta”. Na sua vida adulta, viveu de trabalhos em escritórios comerciais.

Antonio Quadro atesta:

“Fernando Pessoa, sobretudo nos últimos anos, bebia muito, embora não se embriagasse. Beber é uma forma de fuga e o grande poeta foi, toda a sua vida, um homem infeliz. Isolava-se por ter dificuldades em estabelecer laços de intimidade com as pessoas. Teve apenas um único romance (ao menos, que veio a público). Foi um namoro casto que durou ao todo 13 meses com Ophélia de Queiroz. Esse relacionamento nos remete para um Fernando Pessoa pudico, casto, introvertido e temeroso das grandes emoções humanas” .

Após o rompimento do namoro, o poeta ficou definitivamente sozinho – obedecendo aos “Mestres” desconhecidos, invisíveis e misteriosos de “doutrinas secretas” que ele estudava - doutrinas que envolviam as mais diferentes formas de ocultismo.

Em Dezembro de 1934, aos 46 anos, recebe o Prêmio Antero de Quental na segunda categoria pelo livro Mensagem. O que lhe dá notoriedade.

Nos últimos anos de sua vida, Fernando Pessoa bebeu cada vez mais, principalmente pela sua solidão voluntária e sua pesquisa do ocultismo que o levava a uma espiral mais profunda sem nunca achar uma resposta definitiva às suas indagações. Junte-se a isso a falta de um amor, ou um convívio feminino ou familiar. Já era um alcoólico quando, na noite de 27 de Novembro de 1935, teve uma grave crise hepática. Veio a falecer em 30 de Novembro, três dias após, no Hospital de São Luís. Morreu aos 47 anos, sem ter tempo de organizar sua produção literária, obras inéditas ou dispersas, e muito menos, sem ter tido tempo de escrever um suposto “grande livro”, ao qual se referia sempre aos poucos amigos mais chegados.

Boa parte de sua produção literária ficou guardada numa arca de madeira escura, grandalhona, que havia em seu quarto e que continha milhares de textos ! Nos anos 40, uma parcela desse legado foi lançada numa primeira edição de sua obra completa, mas ficou faltando muita coisa. Os novos inéditos começaram lentamente vir à tona em edições que circulavam entre os especialistas. Comenta-se que uma edição completa da sua obra estaria sendo elaborada e teria cerca de 23 volumes !

Publicou textos esparsos em vida e somente após sua morte, com a publicação primeira da incompleta *Obra Completa* é que o reconhecimento de seu talento surgiu e a partir daí , Fernando Pessoa passou, gradativamente, a ser considerado o maior poeta português do século 20 e um dos maiores nomes da poesia universal.

Sobre ele pariam as dúvidas a respeito de um tipo de distúrbio psicológico chamado de dupla personalidade, ou até mais que duas (no caso dele foram inúmeras) e isto tem servido para caracterizar, pela crítica acadêmica convencional, toda a sua obra heteronímica.

Esse problema é denominado cientificamente de Transtorno Dissociativo de Identidade, ou transtorno de múltiplas personalidades, e se constitui numa condição mental em que uma única pessoa apresenta características de duas ou mais personalidades , cada uma com uma maneira peculiar de perceber a realidade e interagir com a sociedade. O pressuposto é que ao menos duas personalidades podem rotineiramente tomar o controle do comportamento do indivíduo, mas podem haver casos de mais que duas, como acredita-se, tenha ocorrido com Pessoa.

Não se trata da esquizofrenia, como alguns tentaram caracterizar Fernando Pessoa, pois a esquizofrenia é considerada "mente dividida" e trata-se mais de uma fratura no funcionamento do cérebro do que na personalidade, caso típico do poeta português, pois seus heterônimos são personalidades distintas . Estes heterônimos pessoanos, na opinião de muitos

estudiosos , são alter-egos que o distúrbio da dupla personalidade acabou por trazer à tona.

No caso do poeta, se evidencia a dissociação da personalidade que é sempre caracterizada pela desintegração do ego, o centro da própria personalidade, o que acaba provocando desacertos emocionais.

Justamente por sofrer uma dissociação, o indivíduo não se desliga totalmente da realidade e pode aparentar ter múltiplas personalidades para lidar com diferentes situações da própria realidade, mas tendo domínio sobre si mesmo.

Contudo, apesar desta característica, este fenômeno em Fernando Pessoa poder ter outra interpretação, a qual defendemos nesta obra, qual seja, o fato dele ser um médium que psicografava, contudo , nunca a crítica moderna considerou tal possibilidade. Uma postura lamentável, afinal a busca de explicações de um fenômeno deve caminhar em todas as direções, independentemente de credos, preferências religiosas ou quaisquer outras formas de se pensar.

No fundo, simplesmente excluir o viés espírita da obra pessoana é um tipo de preconceito contra a doutrina espírita o que não deveria ser aceito num estudo que possa se dizer abrangente a respeito de Fernando Pessoa. Esta postura de distanciamento da psicografia, e conseqüentemente da mediunidade, vem sendo mantida pela crítica literária desde então. O que tentaremos neste trabalho é apresentar essa possibilidade de parte da obra de Pessoa ser psicografada e deixar à análise dos leitores uma forma a mais de entender este personagem múltiplo da literatura universal.

V- Mediunidade , considerações

Sem a mediunidade não haveria o Espiritismo. Toda a doutrina, toda a orientação, todos os ensinamentos que temos vêm da manifestação mediúnica, desde os primórdios, com a pesquisa do codificador Allan Kardec, tem sido assim . E mais, inúmeras são as manifestações dos espíritos que , muitas vezes, passam despercebidas, ou até mesmo são ignoradas por falta de conhecimento do próprio médium que se desconhece como médium por não saber da doutrina e dos tipos de mediunidade que existem.

Sobre isso Kardec nos esclarece de pronto:

A mediunidade (...) é a fonte primordial dos ensinamentos da Doutrina, e suas tarefas constituem, hoje, sem dúvida, importante contribuição, dos espíritos que a ela se dedicam, à consolidação da fé raciocinada e ao retorno, a normalidade, das condições psíquicas alteradas daqueles que, enleados nas tramas da obsessão disfarçada e tenaz, procuram, agoniados, os centros espíritos, ou são a eles encaminhados. .

A comunicação entre os dois mundos, o corporal, material ou visível e o incorpóreo, imaterial ou invisível, é uma premissa básica do Espiritismo, que seria apenas um espiritualismo irreal e duvidoso, se a negasse ou a repudiasse. (...)

(...) mediunidade, faculdade orgânica de que são dotadas todas as criaturas, em maior ou menor grau de desenvolvimento.

(Allan Kardec em A Gênese)

Todos possuem mediunidade , maior ou menor, mais ou menos desenvolvida. Ademais, há uma discussão intensa sobre o fato da mediunidade ser um dom ou não. É comum pessoas se referirem à mediunidade como um dom, como uma qualidade distintiva. Mediunidade não quer dizer evolução, de jeito nenhum, é mais uma missão, uma obrigação maior do que um prêmio.

O médium, considerado como tal , é alguém especial que tem uma sensibilidade a mais, uma capacidade de percepção maior do que a maioria das pessoas. Essas características são decorrência de inúmeras reencarnações, nas quais o espírito vai adquirindo conhecimentos e experiências de acordo com a sua interação com o mundo e com os seus irmãos de caminhada.

Essa mediunidade foi preparada antes de reencarnação, assim , os médiuns trazem consigo a tarefa de mediar o intercâmbio entre os espíritos encarnados e desencarnados.

Não há como deixar de lado a responsabilidade do desenvolvimento mediúnico. Quem reencarna com essa tarefa fez esta escolha e deve seguir o que planejou para si quando elaborou a sua programação de vida na hora de reencarnar. Por isso, se ao viver na terra , deixa de lado esta tarefa , não está cumprindo com as provas que escolheu para si.

Kardek disse acertadamente no Evangelho Segundo o Espiritismo:

A mediunidade é coisa santa, que deve ser praticada santamente, religiosamente. (...)

A mediunidade não implica necessariamente relações habituais com os Espíritos superiores. É apenas uma aptidão para servir de instrumento mais ou menos dúctil aos Espíritos, em geral.

Sobre a questão de ser ou não um dom especial, tema em que divergem estudiosos, uma vez que todos são médiuns em graus maiores ou menores, Kardec sentencia:

(...) é um dom de Deus, que se pode empregar tanto para o bem quanto para o mal, e da qual se pode abusar. Seu fim é pôr-nos em relação direta com as almas daqueles que viveram, a fim de recebermos ensinamentos e iniciações da vida futura. (...) Aquele que dela se utiliza para o seu adiantamento e o de seus irmãos, desempenha uma verdadeira missão e será recompensado .
(Allan Kardec, em O que é o Espiritismo)

Nenhum dos grandes estudiosos da doutrina deixa de considerar que , através da mediunidade, o conhecimento do mundo espiritual e o saber divino se revelam aos seres humanos

(...) a mediunidade é um dos meios de ação por que se executa o plano divino (...). (Léon Denis em No Invisível)

E de forma magistral, Joana de Angelis, na psicografia de Divaldo Franco, em Ilumina-te, nos diz

(...) a mediunidade deixou o lugar de carisma, dom, privilégio ou de manifestação demoníaca, psicopatológica, excêntrica, para ocupar o seu legítimo significado de faculdade da alma, que o corpo reveste de células para a decodificação das energias transcendentais, confirmando a sobrevivência do Espírito à disjunção molecular.

Esta sobrevivência do Espírito só pode de fato ser provada pela mediunidade, principalmente pela mediunidade psicografada, através da qual as elucidações dos mistérios nos são propostas e todo um *corpus* doutrinário é formado e nos conduz à verdadeira compreensão da existência.

As mensagens recebidas são sempre fruto do saber espiritual dos mentores que se utilizam da mediunidade e , conseqüentemente, da psicografia para deixar seus conhecimentos para estudo dos encarnados e com isso, nesta vida na Terra, espaço de expiação e dor, os seres humanos possam aprender e com isso evoluir.

Mediunidade é viaduto salvador entre os dois planos da vida, ensejando possibilidades imprevisíveis aos que transitam confiantes.(...)

Mediunidade é traço de luz entre a vida vitoriosa e a vida em luta.
(Joanna de Ângelis, em Lampadário Espírita)

Se os seres humanos estivessem habituados a ver, ou sentir estas vibrações mediúnicas, poderiam atestar o quanto em suas vidas ela está presente, principalmente pela intuição. Ademais, e isto até mesmo se pode atestar, quanto daquilo que o ser humano escreve ou pensa, cria, surge de forma inesperada e natural, muitas vezes sem referência a um passado, ou até mesmo excedendo seu repertório pessoal de conhecimentos. Nesta hora, todos se espantam sobre aquilo que conseguiram escrever num texto específico, numa peça de arte, ou um saber de algo que jamais haviam pensado.

Aos menos afeitos à doutrina, podem parecer que estes pensamentos que surgem são fruto de sua própria intelectualidade, e às vezes até são. Mas grande parte do que nos vêm à mente são inserções espirituais da

mediunidade da qual somos portadores. Daí ser vaidade vã daqueles que se acham os senhores da verdade, ou os detentores do saber espiritual. Não são os reais criadores, apenas funcionam como meios (médiuns) para que o conhecimento seja de todos , se propague e possa servir de luzeiro aos que precisam de claridade para seguir o caminhos que escolheram e vencer as provas que interpuseram em sua caminhada , quando fizeram seu plano de vida para reencarnar.

Embora nos fixemos numa forma que caracteriza a mediunidade de Fernando Pessoa , há que se considerar os diferentes tipos de médiuns : de cura, mecânico, psicofônicos , videntes e clarividentes, sensitivos, inspirados, enfim , no Livro dos Médiuns , Allan Kardec aborda o tema à exaustão e não nos compete aqui discorrer sobre isso, uma vez que o que nos interessa é a capacidade mediúnica de Fernando Pessoa através da psicografia de sua obra: a Literatura

Ele foi um médium inspirado a seguir os ensinamentos dos espíritos, e sobre isso falaremos mais à frente , e justamente neste mister, é que Pessoa se evidencia como médium e iremos provar esta assertiva, assim como mostrar a grandeza de sua poética dentro da doutrina espírita.

VI- Fernando Pessoa foi médium ?

Acreditamos que a explicação para sua multiplicidade de textos e autores foi outra bem diferente dos chamados casos de transtornos dissociativos de identidade. Cremos que os heterônimos de Pessoa , e , às vezes, textos de Pessoa Ele-mesmo, se constituem em casos de psicografia, e afirmamos isto porque simplesmente Pessoa foi médium , e sobre este assunto, pouco há a se contestar, afinal o próprio Pessoa confessou o fato em carta à sua Tia Anica, a qual reproduzimos *in totum* abaixo:

Lisboa, 24 de Junho de 1916

Minha querida Tia:

Muito lhe agradeço a sua carta de 13 e os parabéns que me traz. Muito agradeço também a carta do Raul de 22 de Maio, a que responderei brevemente; creio que assim posso prometer, porque me sinto agora já um pouco melhor, já mais apto a não ter a inércia que tenho tido e que, como calcula, tem sido devida aos sucessivos choques nervosos por que tenho passado.

Felizmente que chegaram (enfim!) de Pretória notícias acentuadamente boas. Exceto no que respeita ao braço, que está demorando em recuperar o movimento, o estado da Mamã melhorou muito. O estado mental está, enfim, normal. Aquela confusão mental que ela tinha, e que era o que mais me impressionava, desapareceu. E ela já sai do quarto, passando umas horas por dia na casa de jantar.

Não sei o tratamento empregado agora. Sei que, a princípio, empregaram, com efeito, os choques eléctricos, mas suspenderam esse tratamento, porque, ao que parece, incomodava demasiadamente a doente. E suponho que naquela altura da doença não seria bom o incómodo natural dos choques. Se assim foi, já terão, suponho, retomado esse tratamento.

Por enquanto não há nada em que, de positivo, se deva assentar com respeito à guerra e às tropas de aqui irem para fora. E creio, mesmo, que os rapazes na situação do Raúl não correm, por enquanto, grande risco de serem chamados. É claro que não posso afirmar isto, mas é o que consta aqui. Já se o Raúl estivesse cá, naturalmente teria, pelo menos, a maçada de uma «escola de oficiais» ou qualquer aparelho parecido.

Sobre o estado nervoso em que tenho vivido, não tenho passado mal ultimamente. Também creio que não tem havido novidade na família, salvo que a Joaquina está umas vezes melhor, outras pior. Como eu tinha previsto, pela astrologia, a situação do Mário não só melhorou, mas parece tender para melhorar cada vez mais.

Vamos agora ao caso misterioso que a interessa e que a tia Anica diz não poder calcular o que seja. Sim, não calcula, decerto eu próprio é o que menos esperaria.

O facto é o seguinte. Aí por fins de Março (se não me engano) comecei a ser médium. Imagine! Eu, que (como deve recordar-se) era um elemento atrasador nas sessões semiespíritas que fazíamos, comecei, de repente, com a escrita automática. Estava uma vez em casa, de noite, tendo vindo da Brasileira, quando senti a vontade de, literalmente, pegar numa caneta e pô-la sobre o papel. É claro que depois é que dei por o facto de que tinha sido esse impulso. No momento, não reparei no facto, tomei-o como o facto, natural em quem está distraído, de pegar numa pena para fazer rabiscos. Nessa primeira sessão comecei por a assinatura (bem conhecida de mim) «Manuel Gualdino da Cunha». Eu nem de longe estava pensando no tio Cunha. Depois escrevi mais umas cousas, sem relevo, nem interesse nem importância.

De vez em quando, umas vezes voluntariamente, outras obrigado, escrevo. Mas raras vezes são «comunicações» compreensíveis. Certas frases percebem-se. E há sobretudo uma coisa curiosíssima — uma tendência irritante para me responder a perguntas com números; assim como há a tendência para desenhar. Não são desenhos de cousas, mas de sinais cabalísticos e maçónicos, símbolos do ocultismo e cousas assim que me perturbam um pouco. Não é nada que se pareça com a escrita automática da Tia Anica ou da Maria — uma narrativa, uma série de respostas em linguagem coerente. É assim mais imperfeito, mas muito mais misterioso.

Devo dizer que o pretenso espírito do tio Cunha nunca mais se manifestou pela escrita (nem de outra maneira). As comunicações atuais são, por assim dizer, anónimas e sempre que pergunto «quem é que fala?» faz-me desenhos ou escreve-me números.

Mando-lhe, junta, uma amostra simples, que não é preciso devolver-me. Nesta há números e rabiscos, mas quase que não há

desenhos. É o que tenho aqui à mão. É para verem como é o aspecto das minhas comunicações.

É singular que, apesar de eu não perceber nada de tais números, consultei um amigo meu, ocultista e magnetizador (uma criatura muito curiosa e interessante, além de ser um excelente amigo) e ele disse-me cousas singulares. Por exemplo, eu disse-lhe uma vez que tinha escrito um número qualquer (de quatro algarismos) de que não me recordo agora. Ele respondeu-me que havia cinco pessoas na casa onde eu estava. E, com efeito, assim era. Mas ele não me diz de onde é que concluiu isso. Explicou-me apenas que esse facto de eu escrever números era prova da autenticidade da minha escrita automática — isto é, de que não era autossugestão, mas mediunidade legítima. Os espíritos — diz ele — fazem essas comunicações para dar essa garantia; e essas comunicações são, por isso mesmo, incompreensíveis ao médium, e de ordem que mesmo o inconsciente dele era incapaz de imaginar (?).

Este meu amigo tem-me explicado outros números assim, com igual, e curiosa, segurança. Só houve três números que ele não compreendeu.

Estou contando rapidamente, e claro, e necessariamente omito pormenores e detalhes interessantes. O que narro, porém, é o essencial.

Não para aqui a minha mediunidade. Descobri uma outra espécie de qualidade mediúnica, que até aqui eu não só nunca sentira, mas que, por assim dizer, só sentia negativamente. Quando o Sá-Carneiro atravessava em Paris a grande crise mental, que o havia de levar ao suicídio, eu senti a crise aqui, caiu sobre mim uma súbita depressão vinda do exterior, que eu, ao momento, não consegui explicar-me. Esta forma de sensibilidade não tem tido continuação.

Guardo, porém, para o fim o detalhe mais interessante. É que estou desenvolvendo qualidades não só de médium escrevente, mas também de médium vidente. Começo a ter aquilo a que os ocultistas chamam «a visão astral», e também a chamada «visão etérica». Tudo isto está

muito em princípio, mas não admite dúvidas. É tudo, por enquanto, imperfeito e em certos momentos só, mas nesses momentos existe.

Há momentos, por exemplo, em que tenho perfeitamente alvoradas (?) de «visão etérica» — em que vejo a «aura magnética» de algumas pessoas, e, sobretudo, a minha ao espelho e, no escuro, irradiando-me das mãos. Não é alucinação porque o que eu vejo outros veem-no, pelo menos, um outro, com qualidades destas mais desenvolvidas. Cheguei, num momento feliz de visão etérica, a ver na Brasileira do Rossio, de manhã, as costelas de um indivíduo através do fato e da pele . Isto é que é a visão etérica em seu pleno grau. Chegarei eu a tê-la realmente, isto é, mais nítida e sempre que quiser?

A «visão astral» está muito imperfeita. Mas às vezes, de noite, fecho os olhos e há uma sucessão de pequenos quadros, muito rápidos, muito nítidos (tão nítidos como qualquer coisa do mundo exterior). Há figuras estranhas, desenhos, sinais simbólicos, números (também já tenho visto números), etc.

E há — o que é uma sensação muito curiosa — por vezes o sentir-me de repente pertença de qualquer outra coisa. O meu braço direito, por exemplo, começa a ser-me levantado no ar sem eu querer. (É claro que posso resistir, mas o facto é que não o quis levantar nessa ocasião.) Outras vezes sou feito cair para um lado, como se estivesse magnetizado, etc.

Perguntará a Tia Anica em que é que isto me perturba, e em que é que estes fenómenos — aliás ainda tão rudimentares — me incomodam? Não é o susto. Há mais curiosidade do que susto, ainda que haja às vezes cousas que metem um certo respeito, como quando, várias vezes, olhando para o espelho, a minha cara desaparece e me surge um fâcies de homem de barbas, ou um outro qualquer (são quatro, ao todo, os que assim me aparecem).

O que me incomoda um pouco é que eu sei pouco mais ou menos o que isto significa. Não julgue que é a loucura. Não é: dá-se até o facto curioso de, em matéria de equilíbrio mental, eu estar bem como nunca estive. É que tudo isto não é o vulgar desenvolvimento de qualidades de

médium. Já sei o bastante das ciências ocultas para reconhecer que estão sendo acordados em mim os sentidos chamados superiores para um fim qualquer que o Mestre desconhecido, que assim me vai iniciando, ao impor-me essa existência superior, me vai dar um sofrimento muito maior do que até aqui tenho tido, e aquele desgosto profundo de tudo que vem com a aquisição destas altas faculdades. Além disso, já o próprio alvorecer dessas faculdades é acompanhado duma misteriosa sensação de isolamento e de abandono que enche de amargura até ao fundo da alma.

Enfim, será o que tiver de ser.

Eu não digo tudo, porque nem tudo se pode dizer. Mas digo o bastante para que, vagamente, me compreenda.

Não sei se realmente julgará que estou doído. Creio que não. Estas cousas são anormais sim, mas não antinaturais. Pedia-lhe o favor de não falar nisto a ninguém. Não há vantagem nenhuma, e há muitas desvantagens (algumas, talvez, de ordem desconhecida) em fazê-lo.

Adeus, minha querida Tia. Saudades à Maria e ao Raul. Beijos ao Eduardinho. Para si muitos e muitos abraços do seu sobrinho muito amigo e grato

Fernando

Como se vê, o próprio Pessoa se dizia médium e relatava as experiências que vivia , cuja iniciação se anunciava de maneira candente, desaguando em condutas que envolviam várias facetas da mediunidade.

Suas confissões à tia Anica são por demais contundentes e revelam que ele tinha pleno domínio do que fossem as manifestações espirituais da mediunidade, haja vista a sua lucidez na explanação dos fenômenos espíritas pelos quais estava passando, tanto que o texto da carta merece uma reflexão mais profunda. Abordamos alguns pontos que julgamos fundamentais:

“Sobre o estado nervoso em que tenho vivido, não tenho passado mal ultimamente”

Pessoa vivia estados de nervosismo que o faziam passar mal. Este é um sintoma comum de pessoas com predisposição à mediunidade e que não a deixam florescer. Ao dizer que não tem passado mal, revela que, por fim, deixava fluir a mediunidade que possuía.

[...]

“De vez em quando, umas vezes voluntariamente, outras, obrigado, escrevo. Mas raras vezes são «comunicações» compreensíveis. Certas frases percebem-se”.

Dois aspectos aparecem nesta confissão. A primeira é a sua psicografia que está mais do que atestada por ele mesmo. A segunda é que ele recebia “comunicações”, fato importante, pois mais à frente, ele falará de comunicações de Mestre para Discípulo, além do fato de Fernando Pessoa Ele-mesmo, e não apenas os heterônimos, sobre os quais falaremos em capítulo especial, poder ter escrito coisas através da psicografia, por pura comunicação com seus mentores espirituais.

[...]

“O facto é o seguinte. Aí por fins de Março (se não me engano) comecei a ser médium. Imagine! Eu, que (como deve recordar-se) era um elemento atrasador nas sessões semiespíritas que fazíamos, comecei, de repente, com a escrita automática”.

Aqui está a declaração mais contundente que Fernando Pessoa poderia dizer: ... “comecei a ser médium...” Em seguida afirma que ele era um “atrasador” das sessões, o que atesta que ele participava das sessões espíritas junto com sua família, para logo em seguida – ele

sabia do que se tratava – afirmar que era médium com “escrita automática”, isto é : ele psicografava !

[...]

“Não para aqui a minha mediunidade. Descobri uma outra espécie de qualidade mediúnica, que até aqui eu não só nunca sentira, mas que, por assim dizer, só sentia negativamente. Quando o Sá-Carneiro atravessava em Paris a grande crise mental, que o havia de levar ao suicídio, eu senti a crise aqui , caiu sobre mim uma súbita depressão vinda do exterior , que eu, ao momento, não consegui explicar-me”.

Já se ampliava a sua mediunidade para além da escrita , ele era um sensitivo, o que por certo iria acompanhá-lo a vida toda, razão pela qual sempre haveria de se interessar pelo ocultismo, como ele mesmo chamou, mas que no fundo , era o Espiritismo mal vivido e até mesmo negligenciado por ele.

[...].

“Guardo, porém, para o fim o detalhe mais interessante. É que estou desenvolvendo qualidades não só de médium escrevente, mas também de médium vidente. Começo a ter aquilo a que os ocultistas chamam «a visão astral», e também a chamada «visão etérica»”.

“Há momentos, por exemplo, em que tenho perfeitamente alvoradas (?) de «visão etérica» — em que vejo a «aura magnética» de algumas pessoas, e, sobretudo, a minha ao espelho e, no escuro, irradiando-me das mãos”.

Como um homem plural que foi, mais uma forma de manifestação mediúnica dele : a vidência. Aos poucos, Fernando Pessoa recebia os vários dons da mediunidade, como se , gradativamente, ele fosse sendo completado e contemplado com a possibilidade de ser um médium de maior amplidão no que tange ao relacionamento com o mundo espiritual.

[...]

“E há — o que é uma sensação muito curiosa — por vezes o sentir-me de repente pertença de qualquer outra coisa. O meu braço direito, por exemplo, começa a ser-me levantado no ar sem eu querer. (É claro que posso resistir, mas o facto é que não o quis levantar nessa ocasião.) Outras vezes sou feito cair para um lado, como se estivesse magnetizado, etc”.

Esta sensação de pertencer a outra “coisa” – como ele informou, nada mais é do que a força da mediunidade exigindo dele mais participação. Os espíritos precisavam se manifestar e assim o braço levantava e ele pendia para um dos lados. Pela biografia do Chico Xavier, há um momento, quando ele inicia a psicografia, que esta cena é relatada : o braço se movimenta, é o espírito pedindo passagem .

[...]

“Já sei o bastante das ciências ocultas para reconhecer que estão sendo acordados em mim os sentidos chamados superiores para um fim qualquer que o Mestre desconhecido, que assim me vai iniciando, ao impor-me essa existência superior, me vai dar um sofrimento muito maior do que até aqui tenho tido, e aquele desgosto profundo de tudo que vem com a aquisição destas altas faculdades. Além disso, já o próprio alvorecer dessas faculdades é acompanhado dum misteriosa sensação de isolamento e de abandono que enche de amargura até ao fundo da alma.”

Ele pressentia o seu futuro. O “Mestre” viria para propósitos mais altos os quais ficariam evidentes na sua poesia, como de fato ficou. Não dá para desprezar este depoimento de Fernando Pessoa e não ligá-lo ao Espiritismo. Aos que sabem da doutrina, tudo o que ele disse nesta carta comprova nossa assertiva da mediunidade; aos que não aceitam, fica

comprovada a má vontade de analisar sua obra sob o ângulo da psicografia e da doutrina kardecista.

[...]

“Enfim, será o que tiver de ser.”

Por fim, o “fado” , ao qual ele se referiu várias vezes em sua vida: o que tiver que ser, será. E ele estaria ali, pronto a vivenciar estas experiências, pronto a se entregar a uma obra única e grandiosa dentro da Literatura, mas também grandiosa dentro do Espiritismo.

A despeito da nossa análise, mais passional do que documental, inúmeras são as confirmações da mediunidade de Fernando Pessoa dentro da Literatura Espírita. Tudo o que foi vivido pelo poeta está prescrito pelo codificador no Livro dos Médiuns .

Ademais, Joana de Ângelis nos elucida :

"Mediunidade espírita, porém, é a que faculta o intercâmbio consciente, responsável, entre o mundo físico e o espiritual, facultando a sublimação das provas pela superação da dor e pela renúncia às paixões, ao mesmo tempo abrindo à criatura os horizontes luminosos para a libertação total, mediante o serviço aos companheiros do caminho humano, gerando amor com os instrumentos da caridade redentora de que ninguém pode prescindir". (Joana de Ângelis em Oferenda - psicografia de Divaldo Franco)

Este “intercâmbio consciente” , na nossa ótica, é do que se serviu Fernando Pessoa durante toda a sua vida. Veja o termo “ intercâmbio consciente”, duas assertivas numa só afirmação: saber que se trata de um intercâmbio com o Além e se manter consciente, senhor de si

mesmo na hora de intercambiar as manifestações recebidas. Ele tinha, portanto, conhecimento das manifestações e controle sobre elas.

Além disso, havia ambiente espiritual favorável na sua família e devia ser antigo. Na carta, tudo indica que Fernando Pessoa pertencia a uma família de médiuns. Ele mesmo dissera a amigos que frequentava com um grupo de pessoas, sessões espíritas. Sua própria mãe tinha manifestações mediúnicas e sua tia Anica com outra senhora denominada de simplesmente Maria eram médiuns de escrita automática constante.

Acredita-se que Fernando Pessoa tornou-se também médium de escrita automática e psicomecânica, além de possuir vidência, aos 28 anos de idade.

Léon Denis, em *Vida após a Morte*, XXII, *Médiuns*, afirma:

“ Todos os escritores conhecem estes momentos de inspiração, em que o pensamento se ilumina em claridades inesperadas, em que as ideias deslizam, como uma corrente debaixo da pena”.

Quantas vezes Fernando Pessoa deve ter vivido este quase transe, justamente por sua ligação com as esferas do alto, mesmo que ele, nem sempre, pudesse acreditar que fossem elas a lhe servir de inspiração e até mesmo, mecanicamente escreverem por ele.

Fernando Pessoa disse muitas coisas sobre si mesmo, inclusive é famoso o seu relatório “ Um caso de Mediunidade”, o qual se refere a ele mesmo, e lá esta exposta uma postura crítica e dura contra o Espiritismo, e posteriormente Pessoa diz afastar-se das práticas espíritas para se abrir a outras práticas, invisíveis e inconclusivas para ele mesmo, que não sabemos o que é, mas que ele sempre admitiu não

ser controlado pela sua vontade. Caminhou por tantas veredas, buscou fazer tantas escolhas, que, muitas vezes, até mesmo seus biógrafos chegam a ficar indecisos sobre o caminhar deste poeta. Tanto assim que na voz de Álvaro de Campos, no poema *Passagem das Horas*, ele afirma : “E há em cada canto da minha alma um altar a um deus diferente”.

Contudo, o fato mais contundente é que, sua busca pelos “mistérios”, por mais descaminhos que puderam ter, começou com sua constatação de que era médium, os desvios que vieram a ocorrer depois não invalidam a premissa de sua manifestação doutrinária e sua obra, quer por Fernando Pessoa Ele-mesmo, ou pelos heterônimos confirmam a sua base espírita.

No caso de Pessoa , isto é muito relevante. A mediunidade não é uma coisa simples para quem ainda não sabe o que é isso. Muitas vezes, o médium não percebe que o é até que a explicação e a doutrinação lhe mostrem o fenômeno. É sabido que Chico era médium ainda sem o saber , quando conversava com sua mãe e outros espíritos que já se apresentavam para ele ainda na infância.

Mas com Pessoa, isto seria impossível. Primeiro porque sua família , de fato, era ligada ao Espiritismo, e depois porque sua inteligência e capacidade eram suficientemente grandes para entender o que estava se passando com ele.

Há um lado de Pessoa que ficou eternamente atrelado ao ocultismo e sobre isto inúmeros são os trabalhos que povoam as livrarias.

Pela sua própria pena, ele disse muita coisa, desdisse, flutuou daqui e dali, sem nunca podermos confirmar o que realmente o encantou. De início foi a Maçonaria , mas ele nunca foi maçom, e

embora a defendesse, algumas vezes, Fernando Pessoa a atacou em outras.

Neste sentido, o trabalho magistral de José Barreto “ Fernando Pessoa em defesa da Maçonaria: a história do artigo que rompeu com o Estado Novo” , atesta:

“Pessoa nunca foi maçom, como ele próprio o afirmou repetidamente, inclusive em alguns dos textos aqui reunidos. Sabe-se mesmo, pelos seus escritos privados, que era um crítico da Maçonaria portuguesa, por ele considerada como uma mera “carbonária ritual” ou “um anticlericalismo secreto”, mas “católico romano em espírito até à medula”.

Também se sabe por esses escritos, que Pessoa afirmava nutrir “um sentimento profundamente fraternal” para com a Maçonaria e que, como assumido cristão gnóstico, se sentia “espiritualmente correligionário dos maçons, embora sob outra Luz.”

Essa outra luz, para Pessoa, referia-se muito provavelmente ao facto de se considerar templário, isto é, “iniciado, por comunicação direta de “Mestre a Discípulo”, nos três graus menores da (aparentemente extinta) Ordem Templária de Portugal”, como declarou na sua conhecida ficha pessoal datada de 30 de Março de 1935.

Além disso, numerosos escritos do espólio de Pessoa denotam uma clara proximidade espiritual em relação à Rosa-Cruz, irmandade esotérica de afinidades doutrinárias e ligações históricas com a Maçonaria. Num texto de 1935 sobre o magistral poema *Mensagem*, Pessoa afirmava que o seu livro estava “abundantemente embebido em simbolismo templário e rosicruciano”, circunstância que alegava em

justificação da sua intervenção pública em “defesa integral da Maçonaria”.

Observe a afirmação de Barreto:

“Pessoa referia-se muito provavelmente ao facto de se considerar templário, isto é, ‘iniciado, por comunicação *direta* de Mestre a Discípulo’, nos três graus menores da tal Ordem Templária de Portugal”

Ora, que Mestre era esse ? E desde quando as iniciações de ordens esotéricas são feitas “diretamente” sem algum tipo de iniciação ? O próprio Pessoa tem um poema, *Iniciação* , onde ele relata os passos de uma iniciação numa ordem mística, sem nunca ele ter sido efetivamente iniciado quer na Maçonaria, ou em outra ordem qualquer. De onde ele conheceria estes passos, já que estes rituais sempre foram mantidos em sigilo, ainda mais naquela época ?

Prefiro entender este “Mestre” como espíritos, os quais se comunicavam com ele. Ainda mais , o próprio Pessoa declara que, àquela época em que ele recebia as comunicações de Mestre a Discípulo, a Ordem já estava extinta, o que ocorreu em 1888, como afirma o poeta. Parece sintomático ele se referir ao fato de ter folheado (como veremos na carta a seguir) manuais de uma ordem que já não mais existia e receber orientação de Mestres – que não existiam mais - desta mesma ordem. Não há outra explicação além de ser Fernando Pessoa um médium.

Creio que a famosa carta escrita por Fernando Pessoa a Casais Monteiro, em 1935, possa explicar melhor essa hierarquia divina:

“Falta responder à sua pergunta quanto ao ocultismo. Pergunta-me se creio no ocultismo. Feita assim, a pergunta não é bem clara; compreendo, porém, a intenção e a ela respondo. Creio na existência de mundos superiores ao nosso e de habitantes desses mundos, em experiências de diversos graus de espiritualidade, satirizando-se até se chegar a um Ente Supremo, que presumivelmente criou este mundo. Pode ser que haja outros Entes, igualmente Supremos, que hajam criado outros universos, e que esses universos coexistam com o nosso, interpenetradamente ou não. Por essas razões, e ainda outras, a Ordem externa do Ocultismo, ou seja, a Maçonaria, evita (exceto a Maçonaria anglo-saxônica) a expressão ‘Deus’, dadas as suas implicações teológicas e populares, e prefere dizer ‘Grande Arquiteto do universo’, expressão que deixa em branco o problema de se Ele é criador ou simples governador do mundo. Dadas estas escalas de seres, não creio na comunicação direta com Deus, mas, segundo a nossa afinação espiritual, podemos ir comunicando com seres cada vez mais altos. Há três caminhos para o oculto; o caminho mágico (incluindo práticas como as do espiritismo, intelectualmente ao nível da bruxaria, que é a magia também), caminho esse extremamente perigoso em todos os sentidos; o caminho místico, que não tem propriamente perigos, mas é incerto e lento; o que se chama o caminho alquímico, o mais difícil e o mais perfeito de todos, porque envolve uma transmutação da própria personalidade, que a prepara, sem grandes riscos, antes com defesas que os outros caminhos não tem. Quanto à ‘iniciação’ ou não,

posso dizer-lhe só isto, que não sei se responde à sua pergunta: não pertença a Ordem Iniciática nenhuma. A citação epígrafe ao meu poema Eros e Psique, de um trecho (traduzido, pois o Ritual é em latim) do Ritual do Terceiro Grau da Ordem Templária de Portugal, indica simplesmente - o que é um fato - que me foi permitido folhear os Rituais dos três primeiros graus dessa Ordem, extinta ou em dormência desde cerca de 1888. Se não estivesse em dormência, eu não citaria o trecho do Ritual, pois se não devem citar (indicando a origem) trechos de Rituais que estão em trabalho...”

Mais tarde, ele fará esclarecimentos sobre sua forma iniciática de saber as coisas do oculto e pedirá sigilo, isto é, que não fosse revelado a ninguém o trecho da carta : “Iniciado, por comunicação direta de Mestre a discípulo, nos três graus menores da (aparentemente extinta) Ordem Templária de Portugal”.

Valem aqui também considerações sobre algumas afirmações pessoais contidas na carta acima.

De saída , a data. Praticamente 20 anos depois das suas primeiras sensações de espiritualidade e Pessoa continuava na indecisão quanto à explicação dos fenômenos que o atormentavam. Refere-se à maçonaria, da qual nunca fez parte, veleja pelos caminhos do ocultismo, parece sempre estar em voo cego para um lugar que nem mesmo ele sabia aonde iria chegar.

“Há três caminhos para o oculto; o caminho mágico (incluindo práticas como as do espiritismo, intelectualmente ao nível da bruxaria, que é a

magia também), caminho esse extremamente perigoso em todos os sentidos; o caminho místico, que não tem propriamente perigos, mas é incerto e lento; o que se chama o caminho alquímico, o mais difícil e o mais perfeito de todos, porque envolve uma transmutação da própria personalidade, que a prepara, sem grandes riscos, antes com defesas que os outros caminhos não tem.”

Diz que não pertencia à ordem iniciática nenhuma, e praticamente admitia um embuste ao confessar que, quando da citação em epígrafe de seu poema Eros e Psique, lhe foi permitido “folhear um trecho do Ritual do Terceiro Grau da Ordem Templária de Portugal já extinta à época. Isto é, não havia convicção alguma no fato de ele transcrever a citação no corpo do poema.

Contudo, mais uma vez, ele insiste em virar as costas ao Espiritismo e sua mediunidade. O começo da carta é amplamente revelador quando ele afirma: “Creio na existência de mundos superiores ao nosso e de habitantes desses mundos, em experiências de diversos graus de espiritualidade, satirizando-se até se chegar a um Ente Supremo, que presumivelmente criou este mundo. Pode ser que haja outros Entes, igualmente Supremos, que hajam criado outros universos, e que esses universos coexistam com o nosso, interpenetradamente ou não.”

Não é exatamente isso que a doutrina espírita preconiza? E mais, ele mesmo admite a evolução dos espíritos em outros mundos superiores ao nosso, apenas não diz pela reencarnação. Isto é, o pensamento pessoano é de evolução individual das almas em graus mais altos em mundos mais evoluídos, os quais se interpenetram e

agem conosco, tal como a comunicação dos espíritos sempre fez e ainda faz nos dias atuais.

Ele dedicava também uma grande atenção ao trabalho do famoso ocultista europeu Aleister Crowley, tendo inclusive traduzido o poema *Hino a Pã*. Sobre ambos pairam dúvidas sobre artimanhas encetadas para dar notoriedade ao ocultista, quando de sua visita a Portugal e ao próprio Pessoa, sendo que este chegou a testemunhar sobre a morte do ocultista inglês, e mais tarde tudo ser explicado como uma farsa.

Ademais, suas incursões na Teosofia, através da Sociedade Teosófica, com os trabalhos de Helena Blavatsky, Charles W. Leadbetter, Annie Besant e outros, acabaram fascinando-o, mas, da mesma forma que nas demais tentativas de alinhamento doutrinário a uma filosofia, ele desistiu para se tornar uma pessoa totalmente independente na sua forma de pensar.

No fundo, o que sobrou ? Claro, um vasto conhecimento sobre poética, astrologia, ocultismo, enfim, sobre poesia e mistério. Mas, e isso ninguém pode negar, somente uma vez, e apenas uma , ele se definiu comprovadamente, e foi como médium, portanto, espírita, capaz de psicografar e, cremos, piamente que, sabendo ou não, ele recebia influência dos espíritos e assim permaneceu até o final de seus dias.

Seu vasto saber, sua capacidade de abordar temas espirituais, a diversidade das personalidades admitidas por ele como heterônimos, foram pessoas espirituais, mestres do além que se fizeram valer da mediunidade de pessoa para nos ensinar, fazer pensar, fazer crer de que há algo a mais além desta vida.

Léon Denis, em *Vida após a Morte* é magistral ao afirmar sobre a ação dos espíritos na atividade dos médiuns:

Livres do laços da matéria, os Espíritos superiores podem erguer o véu espesso que ocultava as grandes verdades. As leis eternas aparecem desprendidas da obscuridade com que neste mundo as envolvem os sofismas e miseráveis interesses pessoais.

VII - Os heterônimos e a mediunidade pessoana

A questão dos heterônimos , como vimos, de heteros = diferente + ónoma = nome, autores fictícios, a quem se atribui “personalidade”, é a questão mais intrincada e fascinante da vida de Fernando Pessoa. Embora três sejam os mais famosos, Alberto Caeiro, Ricardo Reis e Álvaro de Campos , houve inúmeros heterônimos e sobre eles uma produção literária imensa tem sido escrita, e ainda o será, pois consta que existem heterônimos inéditos. Isto sem contar com a produção de Fernando Pessoa Ele-mesmo.

A fim de evitar delongas, repito: a posição que adoto nesta obra é que todos os heterônimos, sem exceção, foram psicografias. Inclusive, acredito que, às vezes, sem o saber, até relampejos dentro da obra de Fernando Pessoa Ele-mesmo também o foi.

Provar isso sem o conhecimento da doutrina e a fé espírita, se torna impossível, é muito pouca água contra a corrente reinante... Por esta razão retomo o que afirmei no início deste trabalho: “Àqueles que professam outra fé, ou que, mesmo sem fé alguma, querem ficar presos ao academicismo tradicional sobre Fernando Pessoa, afirmamos de saída que a polêmica não é nossa intenção e suas críticas não encontrarão respostas de minha parte, afinal, não escrevo para eles e sim para aqueles que como eu aceitam o Espiritismo como doutrina e prática de vida”.

Ao abrir este capítulo, como temos feito com os anteriores, chamamos o depoimento do próprio Fernando Pessoa, a sua explicação sobre os seus heterônimos porque ela é a prova incontestável da linha que adotamos nesta obra sobre a mediunidade pessoana.

O texto tem o título de 'Para a Explicação da Heteronímia'

“Quando Falo com Sinceridade não sei com que Sinceridade Falo

Não sei quem sou, que alma tenho.

Quando falo com sinceridade não sei com que sinceridade falo. Sou variamente outro do que um eu, que não sei se existe (se é esses outros).

Sinto crenças que não tenho. Enlevam-me ânsias que repudio. A minha perpétua atenção sobre mim perpetuamente me aponta traições de alma a um carácter que talvez eu não tenha, nem ela julga que eu tenho. Sinto-me múltiplo. Sou como um quarto com

inúmeros espelhos fantásticos que torcem para reflexões falsas uma única anterior realidade que não está em nenhuma e está em todas.

Como o panteísta se sente árvore [?] e até a flor, eu sinto-me vários seres. Sinto-me viver vidas alheias, em mim, incompletamente, como se o meu ser participasse de todos os homens, incompletamente de cada [?], por uma soma de não-eus sintetizados num eu postiço”.

A mim, isto bastaria e poderia dizer com tranquilidade que “ Inês é morta”, já que o poeta se declara a somatória de “não-eus”, que “tem crenças que não tenho”, e ainda “ sinto-me múltiplo”, tanto que está num quarto onde se refletem espelhos de realidades “falsas”, mas a verdadeira realidade está em todos os reflexos. De fato, Pessoa sentia que ele era uma “somatória” e só assim era completo.

Que mais seria necessário para demonstrar a mediunidade de uma mente brilhante que sabe o que significa isso, posto que se dizia médium e vinha de uma família espírita ? Um estudioso do ocultismo que rodou por inúmeras filosofias sem nunca se identificar a nenhuma, justamente por não admitir a sua origem mediúnica e a psicografia de seus heterônimos , por isso “ não sei quem sou ... sinto crenças que não tenho”, isto é, a crença dos espíritos que o inspiravam – não eram suas crenças. O mesmo se daria com Chico muitos anos depois, só que este admitiu que os mestres vinham do alto para psicografar, por isso não teve, em momento algum, os mesmos dramas existenciais de Pessoa.

Por vezes, o poeta lusitano falou da construção de seus heterônimos a partir de si mesmo. Como se fora algo pensado, planejado , para trazer novas visões do mundo que ele estava vivenciado. Por esta razão, os heterônimos tinham data de nascimento , localidade, personalidade própria, dramas pessoais, profissão, enfim,

eram personagens de uma poética múltipla que Pessoa pensava que criava.

Na verdade, os heterônimos não tinham vida comprovada no tempo/espço que vivemos. Não se declaram pessoas que haviam desencarnado, não se pode afirmar onde viveram, como eram. Fernando dizia serem fruto de sua criação, ou que “surgira nele”, nada mais que isto. Ademais, os espíritos poderiam ou não se identificarem se assim o quisessem, o que torna irrelevante o argumento de que, se fossem espíritos desencarnados, teriam se identificado.

André Luiz, cuja obra extensa e sábia, não tem uma referência sua, concreta, em termos de existência real neste mundo. Ele não se identifica e o nome André Luiz foi tomado ao acaso, embora saibamos que ele existiu; o Irmão X, igualmente, nos resta perguntar, que é? No livro Parnaso de Além-Túmulo existe um espírito que se denomina de Marta, apenas isso, sem história ou referência alguma, e não é por isso que sua poesia é de menor importância, tanto que lá é transcrita.

Anaxsuell Fernando da Silva, Doutor em Ciências Sociais, concentração em Antropologia Social, pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), realizou um estudo brilhante denominado *As pessoas do Pessoa e a religiosidade “fingida”*, e neste trabalho, alguns heterônimos de Pessoa foram colocados com rara propriedade. Como o viés deste nosso estudo não é o da crítica literária acadêmica e tradicional, e nem me atreveria a fazê-lo, prefiro me reportar aqui ao que lá está colocado.

Ressalte-se, mais uma vez, que os três maiores heterônimos de Pessoa foram Alberto Caeiro, Ricardo Reis e Álvaro de Campos, e sobre estes é que pautarei a última parte deste trabalho. Contudo, os heterônimos são muito mais, há quem fale num número até exagerado que não me atrevo a concordar, mas na pesquisa de Anaxsuell eles somam 9! Sobre estes nomes, a poética de cada um e o que Pessoa

fala deles, as análises são excelentes, tanto que recomendo a leitura daquele trabalho aos que quiserem ir mais a fundo nesta questão.

O que Anaxuell nos traz é de relevância sem par, afinal os heterônimos ficaram por anos a fio como sendo apenas três, posteriormente foi aceito, ou “descoberto” um quarto, hoje o autor denuncia que 9 deles como citado acima. De onde surgiram tantos ? E todos com a mesma forma de ser: há uma data de nascimento, há características físicas por vezes, há uma filosofia que determina cada uma das poéticas que possuem, enfim , são “pessoas” e não personagens de uma história literária.

A nota do autor que introduz o estudo diz:

“Até aqui penso ter demonstrado a multiplicidade das expressões religiosas presentes em Fernando Pessoa . Desde sua Prece, expressão do seu sentimento religioso cristão, monoteísta; passando por expressões ocultistas, sejam, astrologia, teosofia ou rosacrusismo e sua imersão na escrita automática (autopsicográfica), própria do Espiritismo e sua adesão à Maçonaria. Mas, o Pessoa não se faz apenas de uma pessoa.

Os heterônimos lá citados são : Alberto Caeiro, Ricardo Reis, Álvaro de Campos (estes três os mais famosos e estudados e sobre eles é que faremos a leitura espiritual na última parte deste livro) , depois existem mais os heterônimos : Alexander Seach , Antônio Mora , Raphael Baldaya, Bernardo Soares e/ou Vicente Guedes, Barão de Teive e Frei Maurice.

Nosso objetivo é a questão da mediunidade e não a estética literária de cada um deles e não nos fixaremos nas características literárias destes heterônimos, restando, como disse a obra de Anaxuell aos mais interessados.

Como uma só mente poderia ter criado heterônimos com tamanha precisão e estilos diferentes, temáticas variadas, enfim , criado tantas personalidades diferentes partindo de apenas a sua própria personalidade? Por mais que sejamos complacentes com a teoria da criação das múltiplas personalidades já abordada anteriormente, o Transtorno Dissociativo de Identidade, como referendo da heteronímia é um fato insólito e improvável.

A crítica se satisfaz com o “reconhecimento” de que Pessoa, pela sua capacidade pessoal de escritor e mente brilhante, pudesse fazer exatamente isso que foi feito: se constituir em muitos. Talvez até esta postura pudesse ter um cunho de verdade se a forma como fossem criados os heterônimos fosse outra.

A maneira como os heterônimos são criados é fascinante, tamanha a engenhosidade de Pessoa em se referir a eles, desligando-os totalmente de uma possibilidade de serem espíritos que atuavam sobre ele como médium. Em carta a Adolfo Casais Monteiro, de 13 de janeiro de 1935, Pessoa diz como criou Caeiro. Casais Monteiro assim discorre :

“Conta o próprio Fernando Pessoa que “se lembrou um dia de fazer uma partida a Sá-Carneiro — de inventar um poeta bucólico, de espécie complicada, e apresentá-lo, já me não lembro como, em qualquer espécie de realidade. Levei uns dias a elaborar o poeta mas nada consegui. Num dia em que finalmente desistira — foi em 8 de Março de 1914 — acerquei-me de uma cómoda alta, e, tomando um papel, comecei a escrever, de pé, como escrevo sempre que posso. E escrevi trinta e tantos poemas a fio, numa espécie de êxtase cuja natureza não conseguirei definir. Foi o dia triunfal da minha vida, e nunca poderei ter outro assim. Abri com um título, O Guardador de Rebanhos. E o que se seguiu foi o aparecimento de alguém em mim, a quem dei desde logo o nome

de Alberto Caeiro. Desculpe-me o absurdo da frase: aparecera em mim o meu mestre. Foi essa a sensação imediata que tive.”

Quando Fernando Pessoa escreve em nome de Caeiro, diz que o faz “por pura e inesperada inspiração, sem saber ou sequer calcular que iria escrever” , e mais: “ aparecera alguém em mim”. Nada mais revelador do que o próprio Pessoa, praticamente confirmando que não era ele, mas “ alguém em mim”. Se isto não for psicografia , o que mais será ?

E a criação de Álvaro de Campos, conforme a mesma carta, não foge ao mesmo critério.

“Na Carta a Adolfo Casais Monteiro, de 13 de Janeiro de 1935, que Fernando Pessoa compõe sobre a gênese da heteronímia e que serve de fonte a este texto, diz que escreve em nome de Campos, “quando sinto um súbito impulso para escrever e não sei o quê”. Acrescenta o escritor que “de repente, e em derivação oposta à de Ricardo Reis, surgiu-me impetuosamente um novo indivíduo. Num jacto, e à máquina de escrever, sem interrupção nem emenda, surgiu a «Ode Triunfal» de Álvaro de Campos — a Ode com esse nome e o homem com o homem que tem”.

Mais adiante esclarece: “Quando foi da publicação do Orpheu, foi preciso, à última hora, arranjar qualquer coisa para completar o número de páginas. Sugerí então ao Sá-Carneiro que eu fizesse um poema «antigo» do Álvaro de Campos — um poema de como o Álvaro de Campos seria antes de ter conhecido Caeiro e ter caído sob a sua influência. E assim fiz o «Opiário», em que tentei dar todas as tendências latentes do Álvaro de Campos, conforme haviam de ser depois reveladas, mas sem haver ainda qualquer traço de contacto com o seu mestre Caeiro. Foi dos poemas, que tenho escrito, o que me deu mais que fazer, pelo duplo poder de despersonalização que tive que desenvolver. Mas, enfim, creio que não saiu mau, e que dá o Álvaro em botão...”

Novamente, a mesma forma de ser: “surgiu-me impetuosamente um novo indivíduo. Num jacto, e à máquina de escrever, sem interrupção nem emenda, surgiu a «Ode Triunfal» de Álvaro de Campos — a Ode com esse nome e o homem com o homem que tem”. Surgir um novo indivíduo, num jacto, sentar-se à máquina e uma obra inteira ser escrita!?

Já Ricardo Reis teve nascimento diferente. Pessoa em Páginas Íntimas e Auto-interpretação, relata :

“O Dr. Ricardo Reis nasceu dentro da minha alma no dia 29 de Janeiro de 1914, pelas 11 horas da noite. Eu estivera ouvindo no dia anterior uma discussão extensa sobre os excessos, especialmente de realização, da arte moderna. Segundo o meu processo de sentir as coisas sem as sentir, fui-me deixando ir na onda dessa reação momentânea. Quando reparei em que estava pensando, vi que tinha erguido uma teoria neoclássica, e que a ia desenvolvendo. Achei-a bela e calculei interessante se a desenvolvesse segundo princípios que não adopto nem aceito. Ocorreu-me a ideia de a tornar um neoclassicismo «científico» [...] reagir contra duas correntes — tanto contra o romantismo moderno, como contra o neoclassicismo à Maurras. [...].

Mais uma vez, Fernando Pessoa “ estava pensando” e reparou que surgia uma teoria, a qual “ não adoto e não aceito”. Então, por que fazê-la ?

Ora, como se faz nascer assim do nada personalidades múltiplas? Apenas para explicar melhor. O livro O Guardador de Rebanhos, de Caeiro, tem 49 poemas, alguns muito extensos. Ele os escreveu de pé,

em seu quarto, à noite, sobre uma cômoda, de um só lance. Os poemas vão surgindo um após o outro, e todos completos, perfeitos, prontos...

Artistas veem as coisas que vemos de forma diferente na maioria das vezes. São seres especiais, pois para eles um mendigo parado num farol pedindo esmolas, tem mesmo uma história e pode vir a ser um conto, um poema, uma dor, um amor perdido, uma vida em desespero. Para os leigos, é mais um drogado, ou vagabundo, malandro – e às vezes são.

Toda obra artística e inclusive a literária sofre um processo de gestação, nascido de um estímulo, e exige do autor o suor da criação, o ver e rever o que se criou. Não brota simplesmente do nada como no caso de Pessoa citado acima. Por isso, o que vem pronto é do espírito e não do poeta, que é apenas humano.

Se a criação de Pessoa naquela noite mágica, em pé na cômoda, não foi psicografia, ou então em outro caso, num jacto datilografar toda uma obra, ou ainda vir à sua mente uma teoria que não aceitava, igualmente não forem psicografias, que a ciência ache uma forma melhor de explicar o fato além do tal Transtorno Dissociativo de Identidade.

Mesmo porque, o próprio Pessoa, mais uma vez diz textualmente ou deixa antever que “apareceu alguém em mim”. Quem ? Uma personalidade de sua imaginação ? Se assim o fosse, não teria “aparecido”, já estaria com ele, posto que ele sabia o que imaginava, afinal, a imaginação não exclui quem imagina – a psicografia, não, o médium não imagina, apenas transmite.

Caeiro é um espírito que se usa de Fernando Pessoa para deixar sua mensagem sobre o que seja poesia, pois esta é a tônica dele. Mais ainda, foi , o próprio Pessoa quem disse que Caeiro é o Mestre de todos os poetas que ele “inventou”. Como um poeta tão perfeito, a ponto de

ser chamado de Mestre dos demais surgiria assim , numa noite, em avalanche, sem revisão de texto ?

Da mesma forma, a Ode Triunfal de Campos, poemas de grande extensão que nasceram prontos , quando sabemos que o fazer poético é um fazer e refazer constante na busca da melhor palavra, da melhor frase para a perfeita expressão do sentimento do poeta.

A doutrina Espírita explica os fenômenos que Pessoa vivenciou, embora ele os tenha entendido de forma diferente. Assim , no Livro dos Médiuns, 182, o codificar nos ensina sobre os médiuns inspirados (e Pessoa o foi com certeza)

“ Todo aquele que, tanto no estado normal, como no de êxtase, recebe, pelo pensamento, comunicações estranhas às suas ideias preconcebidas, pode ser incluído na categoria dos médiuns inspirados. Estes, como se vê, formam uma variedade da mediunidade intuitiva, com a diferença de que a intervenção de uma força oculta é aí muito menos sensível, por isso que, ao inspirado, ainda é mais difícil distinguir o pensamento próprio do que lhe é sugerido”

[...]

“Se nenhuma ideia surge, é que é preciso esperar. A prova de que a ideia que sobrevém é estranha à pessoa de quem se trate esta em que, se tal ideia lhe existira na mente, essa pessoa seria senhora de, a qualquer momento, utilizá-la e não haveria razão para que ela se não manifestasse à vontade. Quem não é cego nada mais precisa fazer do que abrir os olhos, para ver quando quiser. Do mesmo modo, aquele que possui ideias próprias tem-nas sempre à disposição. Se elas não lhes vêm quando quer, é que

está obrigado a buscá-las algures, que não no seu íntimo.”

Que explicação mais contundente ! É assim mesmo que Pessoa se manifesta ao dizer que era tomado de súbito nos momentos em que criava seus heterônimos.

Mais ainda. No mesmo livro, em 183, o codificador nos elucida:

“Os homens de gênio, de todas as espécies, artistas, sábios, literatos, são sem dúvida Espíritos adiantados, capazes de compreender por si mesmos e de conceber grandes coisas. Ora, precisamente porque os julgamos capazes, é que os Espíritos, quando querem executar certos trabalhos, lhes sugerem as ideias necessárias e assim é que eles, as mais das vezes, são médiuns sem o saberem. Têm, no entanto, vaga intuição de uma assistência estranha, visto que todo aquele que apela para a inspiração, mais não faz do que uma evocação. Se não esperasse ser atendido, por que exclamaria, tão frequentemente: meu bom gênio, vem em meu auxílio?”

Assim, não é de espantar que Fernando Pessoa, um dos “homens de gênio”, deve ter tido a inspiração e o apoio dos espíritos. No fundo, estes privilegiam aqueles que muito têm a dar, porque sua capacidade é maior do que a dos homens comuns. Fernando Pessoa foi exatamente isso, e num terreno tão fértil quanto ele, a semente da espiritualidade a qual todos estamos ligados, alcançou um apogeu grandioso.

E o próprio codificador responde a questão feita no mesmo livro:

“ Um autor, um pintor, um músico, por exemplo, poderiam, nos momentos de inspiração, ser considerados médiuns?”

"Sim, porquanto, nesses momentos, a alma se lhes torna mais livre e como que desprendida da matéria; recobra uma parte das suas faculdades de Espírito e recebe mais facilmente as comunicações dos outros Espíritos que a inspiram."

Na verdade, Pessoa vivia em “estado de poesia”, em outras palavras, o seu viver era poético e sua preocupação com este lado de poetizar a existência, indo até o âmago dos mistérios para sondar a alma, era simplesmente a única forma que ele entendia ser a vida. Posso arriscar mais e afirmar que ele vivia, justamente por isso, além de um “estado de poesia, também em um “estado de mediunidade”.

Isto fica claro no seu poema “*A voz de Deus*”, onde esta identidade com o mundo e com o criador está expressa nos versos:

“ Brilha uma voz na noite...
De dentro de Fora ouvi-a...
Ó Universo, eu sou-te...
Oh, o horror da alegria
Deste pavor, do archote
Se apagar, que me guia!
Cinzas de ideia e de nome
Em mim, e a voz: Ó mundo,
Ser mente em ti eu sou-me...
Mero eco de mim, me inundo

De ondas de negro lume
Em que para Deus me afundo”.

Esta identidade pessoana, este achar-se eco de si mesmo, de afirmar de forma até angustiante “Oh, Universo, eu sou-te” mostra amplidão desta alma, submersa na mediunidade permanente de quem deixou de ser apenas Fernando Pessoa para ser um meio de transposição das palavras do além para esta vida.

Na última parte deste trabalho, uma coletânea de poemas e versos irão explicar ainda mais esta forma de entender espiritualmente deste poeta-médium , que encantou o mundo e ainda encanta, e que nós, espíritas poderemos entendê-lo de uma outra forma, mais pleno, mais completo.

Fernando Pessoa viveu uma pluralidade mediúnica para estar neste “estado poético e mediúnico” ao qual me referi. Mesmo com tudo isso que nos aclara a mente, fica a sensação de que a espiritualidade de Pessoa possa ter sido um mistificação ? Não creio.

Numa sociedade portuguesa atrasada, materialista, sua função foi mais do que um escritor tentando quebrar paradigmas de então, abrindo canais para a sensibilidade e a busca de esclarecimento do que o atormentava tanto : “o mistério”

Neste sentido, ele foi revolucionário, fielmente cumprindo as missões de “seus mestres”, os quais ele não sabia explicar exatamente quem eram e nem se aperceber que muitas vezes eles é que agiam por ele, Fernando.

Em “ Nos domínios da Mediunidade”, André Luiz nos relata o caso de um jornalista que escrevia o que os espíritos queriam que ele escrevesse. Pessoa talvez tenha vivido exatamente isso quando escrevia pelos seus heterônimos. O que podemos afirmar sobre ele é

que sua alma é religiosa, afinal ele mesmo afirmou: “Um homem que não acredita em Deus é um animal”

No estudo “Espiritualismo Pessoano” , Isabel Murteira França, nos brinda com conclusões interessantes que transcrevo :

“Se é um fato que ele atravessou fases muito cépticas e anticrísticas, nunca, porém deixou de acreditar, e, com o tempo, teve a certeza de que existe o espírito, os grandes seres, a divindade, e que nós em evolução temos que nos assumir como corpos, almas e espíritos sob as orientações dum todo, que a ele constantemente inspiraram.”

E completa:

“Assim podemos dizer que ele teve experiências concretas espirituais, que não é só invenção de palavras, mas foram estados de consciência produzidos pelas suas meditações e pela sua vida, e que de tal modo foram importantes, que ele as procurou sistematizar em diversos textos, em que ensina ou transmite a revelação dos princípios da ordem do universo e da própria hierarquia divina”

É assim que vejo os heterônimos de Pessoa: uma benção de espíritos elevados a uma alma grande, capaz de expressar esta grandeza em versos psicografados porque , conforme citado anteriormente, o gigantismo do gênio é que permite a maior expressão dos espíritos.

Finalizo este capítulo lembrando as próprias palavras de Fernando Pessoa :

“Não sei quem sou, que alma tenho.
Sinto crenças que não tenho.

Sinto-me múltiplo.... uma soma de não-eus sintetizados num eu postiço.”

VIII- Psicografias à luz da doutrina

Os espíritos se manifestam, falam sobre suas emoções e não apenas sobre doutrina ou reflexões de ordem filosófica ou religiosa. Por isso, não é a obra toda de Pessoa que se relaciona com a temática espírita. Espíritos sentem e pensam, declaram suas paixões e fazem suas reflexões sobre Deus, o mundo, os mistérios. Contudo, são ainda igualmente imperfeitos e possuem suas falhas. Sua personalidade está individualizada no além-túmulo, nenhum espírito deixa de ser o que é, apenas aprimorou-se como alma nesta vida terrena, mas volta a ter sua individualidade após a morte. Com ele, estão também suas paixões, sua forma de entender e executar a poética, assim, a obra psicografada não é apenas de doutrinação, há um viés de personalidade do espírito nas linhas de seus textos.

Por isso, selecionei trechos da obra pessoana que poderiam estar calcados na temática em que os espíritos expõem seu conhecimento espiritual, nos ensinando sobre a vida, não apenas a que vivemos aqui, mas da vida mais plena, partindo de suas experiências e

conhecimentos adquiridos nesta vida terrena e no além, pois nestes poemas é que a expressão da doutrina se evidencia. No fundo eles fazem reflexões sobre uma temática de profunda riqueza para nós, mortais.

As interpretações dos textos são minhas e, obviamente, podem ser falhas e, com certeza, cabem mais considerações sobre elas, assim como a seleção dos poemas foi pessoal e existem outros textos de Pessoa que poderiam ter interesses idênticos. Por várias vezes, adotamos a forma que Emanuel se utiliza em inúmeras de suas obras, quando escolhe um versículo apenas para fazer sua análise da mensagem e ensinamento de Jesus e seus apóstolos. Da mesma maneira, há ocasiões em que separei um verso, uma estrofe e a retirei do contexto do poema. A manifestação espiritual, há ocasiões, está justamente aí, naquele verso isolado e não na temática de todo o texto.

Os textos de Pessoa, são poemas que testemunham nossa crença, eles foram escritos para nos fazer refletir, e se no percurso deste trabalho falei da divisão da personalidade pessoana, neste capítulo busco a unidade. Não importam mais se os textos foram dos espíritos de Alberto Caeiro, Ricardo Reis, Álvaro de Campos, ou do próprio Fernando Pessoa Ele-mesmo. O que me interessa aqui é a unidade pessoana, a mediunidade plena, as psicografias sem se importar por quem estava psicografando porque somente através da mediunidade Fernando Pessoa alcançou a unidade que o caracteriza.

No fundo, foi isso que ele buscou, diferentemente do fato de, em sendo um se dividir, mas pela mediunidade dividiu-se para se completar em apenas um, como disse em sua carta que, apesar das realidades distorcidas dos espelhos no quarto, todas se uniam numa só.

Como espíritos desencarnados, seus heterônimos se lembram de quando eram almas e expõem suas dúvidas existenciais, ao mesmo tempo em que, agora, conhecedores de muitos dos mistérios que

perseguiram em vida, mesmo usando de uma linguagem cifrada, eles nos presenteiam com a lucidez dos tantos poetas que unidos , amalgamados, fizeram um corpus de conhecimento espiritual sem precedentes.

Umberto Eco, ensaísta italiano, fala da “obra aberta”, isto é, aquela que não se fecha sobre apenas uma interpretação. Cada vez que entramos nela podemos sorver novos conteúdos, vivenciar novas interpretações, ganhar novos conhecimentos. A obra pessoana é exatamente isso. Os textos estão abertos a novos entendimentos a cada entrada que nos atrevemos a ela. O que é dito nas psicografias pelos espíritos que o influenciaram atinge a mente dos mortais e nos dão rumos para que possamos entender e refletir sobre o saber espiritual que ali está poetizado.

Conforme explicitou o codificador, somos seres espirituais e por isso , estamos em contato com o Mundo Espiritual. Pelo simples fato de orar , já estamos nos comunicando com as forças da Vida Maior e estamos exercendo a mediunidade, haja vista que na prece recebemos a influência dos espíritos superiores. Por isso, todos somos médiuns, apenas alguns possuem uma abertura maior com o alto e por isso são abençoados com a possibilidade de exercer com mais intensidade a mediunidade que possuem. Entretanto, estamos acostumados a chamar de médiuns apenas alguns, mas Allan Kardec nos corrige.

(...) aqueles em quem a faculdade mediúnica se mostra bem caracterizada e se traduz por efeitos patentes, de certa intensidade, o que então depende de uma organização mais ou menos sensitiva”. (Allan Kardec, O Livro dos Médiuns)

Fernando Pessoa alcançou esta intensidade : um canal aberto com o Alto, e tentaremos mostrar esta ligação intensa em exemplos de seus textos, na esperança de que o leitor se sinta impelido a entrar na obra de Fernando Pessoa e usufruir de tudo aquilo que ela nos oferece.

Como disse, a escolha dos textos aqui postos foi minha, mas a cada um cabe interpretar e sentir conforme sua capacidade . Interpretei conforme vi, senti , entendi dentro de nossa doutrina as mensagens poéticas de Fernando Pessoa. Apenas vale lembrar que agora não se trata mais de Pessoa e sim das entidade espirituais cuja mediunidade do poeta foi capaz de eternizar na sua vasta obra, por isso os heterônimos serão agora considerados por mim como entidades espirituais, independentemente de Fernando Pessoa, e a eles irei me referir desta forma, com seus nomes reais, declarados, entendendo que, como espíritos, estão nos dando, com suas poesias, mensagens capazes de engrandecer nossa compreensão da vida e dos mistérios.

Cada poeta , como dissemos, tem sua poética. Alguns são mais espiritualistas que outros, mas há uma coincidência na obra pessoana: todos os seus chamados heterônimos possuem o viés da doutrina espírita que ele, Fernando Pessoa, disse seguir na carta a sua Tia Anica.

Os textos que se seguirão são apenas exemplos da tese da mediunidade. Uma análise mais completa fica em aberto para que outros irmãos desta mesma fé possam realizá-la.

Poemas do espírito Alberto Caeiro.

“Porque o único sentido oculto das coisas
É elas não terem sentido oculto nenhum”

[...]

“As coisas não tem significação: tem existência.

As coisas são o único sentido oculto das coisas”

O sentido de existir se realiza na própria existência, é para isso que viemos aqui: para o aprimoramento que se dá através da sucessão de existências e a significação disso é encarar a vida como tal.

André Luiz nos ensina que “ Existência é tudo que fizemos de nós até hoje”, sem nos preocuparmos com o “mistério”, porque este não existe, apenas não foi ainda explicado.

Assim , não há o mistério, o oculto, o que há é a vida, e o sentido da existência está em simplesmente existir. Este sentimento íntimo que trazemos conosco, que muitas vezes é desviado porque nos são impingidas outras doutrinas , que aqui e acolá insistem nos mistérios é que estão a nos esconder o verdadeiro sentido da vida . Não há o oculto, apenas não o sabemos ainda.

Conforme o tempo passa, a Ciência e um maior saber religioso nos ensinam que não há nada além do que a pura realidade para a qual vivemos e para a qual viemos ao mundo. Muito do que nossa doutrina ensina, o tempo, pela Ciência, vai provando ser verdade.

Nós, os seres humanos, é que vestimos as coisas de forma a entender que o sentimento do oculto, um outro sentido que não o sentido das coisas tal qual são, está aí para não se mostrar e que muitas vezes nos causa temor porque o desconhecemos. O desconhecido nos atemoriza, por isso o Espiritismo se torna luz no caminho: ele nos dá a explicação desses tais “mistérios”.

Deus nos deu a vida, com tudo o que ela possui. Nossa grandeza é ser como ela exige que sejamos, vivendo plenamente e cumprindo a missão para qual viemos a este mundo. Os mistérios nos impedem por

vezes de cumprir nossas provas e nos desviam do caminho que temos que seguir. Caeiro, então, nos alerta que o mistério não existe, existe a vida, a realidade, e ela está, como ele mesmo disse em outros textos, na simplicidade das coisas, nos regatos, nas florestas, no sol de cada manhã. E é preciso acrescentar: está sobretudo nos outros, no próximo, que sendo um igual, não nos apresenta mistério algum.

“Pensar em Deus é desobedecer a Deus,
Porque Deus quis que não o conhecêssemos,
Por isso se nos não mostrou

Sejamos simples e calmos
Como os regatos e as árvores,
E Deus amar-nos-á fazendo de nós
Belos como as árvores e os regatos,
E dar-nos-á verdor na sua primavera
E um rio em ir ter quando acabemos!” ...

A despeito do que podemos depreender do poema de Caeiro, pois parece que ele nos ensina que pensar em Deus é desobedecê-lo, uma certa ironia, uma provocação apenas para aguçar nossa mente e logo depois nos dar a sua lição de como Deus irá nos amar : sendo simples “como os regatos e as árvores”, o que eu gostaria de abordar neste texto é o significado do último verso : “E um rio em ir ter quando acabemos!”. Acabemos o quê? Esta vida, certamente. Em outros textos, Caeiro disse que não conhecia a Deus porque nunca o havia visto, e se corrige, dizendo que se Deus era os rios, as flores, etc, então ele acreditava em Deus, porque, na obra de Caeiro, a poesia é abrir os olhos e ver o que há à sua volta e entender o mundo pelo olhar. Para

ele, esta é a grandeza da poética, mais que isso, esta é a grandeza da vida, a integração com a natureza que é onde Deus está. No poema acima, ele diz que, depois de nos tornar belos e dar-nos verdor à primavera, vem, por dádiva, o rio onde iremos ter. Que rio este espírito quer que entendamos? Religiosos, filósofos, místicos, vêm nos convidando a transitar ora aqui, ora ali, em dois conceitos que parecem antagônicos, mas não são: maktub e livre-arbítrio. O primeiro é o cantado e decantado conceito do “está escrito”. Em outras palavras, é assim que a sua vida tem que ser porque Deus já escreveu todas as vidas, o destino dos planetas, do Universo, enfim, nada está fora daquilo que foi planejado por Ele.

O outro conceito é o do livre-arbítrio, cuja significação a própria palavra nos diz: somos livres para arbitrarmos sobre nossa vida, somos senhores de nossas ações. É graças ao livre-arbítrio que seguimos ou não o plano escolhido por nós mesmos no que tange a trajetória de nossa vida neste mundo. Por conta dele, igualmente, podemos vencer as provas que nos impusemos ao escolhermos a vida que vamos levar aqui, ou então não, e aí nos desviarmos do caminho preestabelecido e assim termos que voltar para cumprir o que nos falta.

Contudo maktub e livre-arbítrio não se contradizem, se completam. A Bíblia afirma com todas as letras que os rios caminham para o mar. É “esse” o rio que Caeiro diz que nos será dado: o rio que nos conduzirá ao mar. As vidas, individualmente, seguem o caudal das águas que nada mais é do que o fluxo da existência. Podemos escolher, por conta do livre-arbítrio, seguirmos nas águas pela margem esquerda, pela direita, ficarmos parados em alguma ilha fluvial, até mesmo nadar contra a correnteza, mas por fim, iremos chegar ao mar, porque para todos este é o destino final. E assim, a metáfora que tento deixar aqui, é esta: a individualidade, livre-arbítrio, é como nadamos na correnteza do

rio, mas, maktub está escrito e todos iremos ter com todos no mar onde estão todas as almas porque este é o destino que nos espera.

Nossa doutrina diz isso. Nossa vida tem as feições do livre-arbítrio que imprimimos nela. Por conta deste livre-arbítrio, erramos. Mas a bondade divina nos permite voltar, para que maktub seja cumprido. Este é um planeta de expiação, precisamos cuidar de nós mesmos para cuidar dele. A obra de Deus não está acabada, se completa através de nós e esta é uma das funções que temos. Por isso, somos responsáveis por nós mesmos e pelos outros, pela nossa vida e a de todas as outras. Nadamos na correnteza, mas sabemos onde iremos um dia chegar, desde que tenhamos “um rio em ir ter quando acabemos”.

“O Universo não é uma ideia minha,

A minha ideia do Universo é que é uma ideia minha”

O Universo só a Deus é conhecido, o ser humano vê o mundo com seus olhos , é o livre-arbítrio que nos faz entender o mundo pela nossa ideia e não o que ele de fato o é. No livro “Nos domínios da mediunidade”, André Luiz sentencia que “O Universo é a projeção da Mente Divina e a Terra, qual a conheceis em seu conteúdo político e social, é produto da Mente Humana”

Este olhar humano para as coisas da vida é que nos torna humanos e imperfeitos. É justamente isso, essa humanidade que trazemos conosco, que nos caracteriza, e acima de tudo nos identifica como irmão de todos os da nossa espécie. Assim , mais do que termos uma origem comum, já que os espíritos foram criados iguais, como nos instrui o codificador, somos humanos para olharmos o Universo e dele fazermos a nossa ideia própria. Somos seres relativos, parte apenas de um todo ao qual iremos nos integrar um dia, mas um dia apenas, depois

das sucessivas reencarnações, não agora. “Existência é a soma de tudo o que fizemos de nós até hoje”, nos ensina André Luiz.

Não nos é possível, portanto, ver o absoluto divino e nem mesmo entender o todo que nos rodeia. Por isso, Caeiro nos assevera que sua ideia do Universo pode lhe dizer, para agora, o que ele é, o que você vê. Contudo, é pouco, porque o Universo é maior que isso, e mais ainda, é tudo o que não temos a capacidade de entender porque somos limitados.

Assim, sejamos humildes, aceitemos aquilo que podemos compreender com nosso olhar humano, mas não queiramos saber tudo do Universo porque nossa limitação espiritual não permite que possamos ir além de onde conseguimos chegar. Estamos unidos no Universo, contidos nele, porque não há separação entre nós e o Criador. José Lázaro Boberg, em “Peça e Receba” aborda a questão do Universo, desdobrando a palavra em Uni – Deus, e Verso – os seres humanos, e nos mostra com propriedade que ... “todo e qualquer Verso está no Uno, mas o Uno ultrapassa todos os Versos. De outro modo, a Essência está em todas as Existências, mas a Essência transcende a todas as existências”. Por isso, saber, ter a ideia do Universo verdadeiro pertence à Essência, e a nós, Existências, cabe apenas a nossa ideia sobre o que o Universo possa ser.

E mesmo sendo fascinados pelo porvir, não é ainda de cogitação nossa, basta que vivamos uma reencarnação de cada vez. O caminho é longo, mas sabemos que ele existe e nos levará a um bom final.

“ É talvez o último dia da minha vida

Saudei o sol, levantando a mão direita,

Mas não o saudei, dizendo-lhe adeus,

Fiz o sinal de o gostar de ver antes, mais nada”

Este é o último poema de Caeiro na psicografia de Fernando Pessoa. Uma despedida. E não poderia ser de outra forma que não se referindo ao sol, cuja energia dá vida a este sistema em que a Terra gravita.

Contudo, é mais que isso. O poeta não diz adeus, nem poderia, porque não é o fim, é apenas uma passagem. Mais que isso, diz que fez o sinal de gostar de ver o sol “antes”. Ora, antes de quê ? Do fim. Sua missão estava encerrada, seus versos foram psicografados, suas mensagens deixadas no papel com sua filosofia sobre os seres humanos, com sua forma de ver a vida aqui na terra como ela é. Sem mistérios, apenas o abrir os olhos para ver o sol, mais nada.

Esta era a sua ideia de mundo, os olhos abertos, a vida presente, a intensidade dos sentidos, o estar vivo, porque depois seria o retorno à vida espiritual. Este olhar ao sol seria o último com os olhos humanos, depois disso, somente a vida espiritual. Queria ver o sol com olhos humanos porque teria saudades em deixar este mundo, o mundo onde aprendemos a ser o que devemos ser, onde as provas são vencidas, porque lá, na outra esfera é a teoria, aqui é onde a prática se efetiva.

Para um poeta que vê Deus nas árvores, nos regatos e em todos os cantos da natureza, que aprende com o olhar a entender o mundo, que sabe que as palavras não são mais do que formas imperfeitas de mostrar as coisas porque não são as próprias coisas e que a poesia está, não nas palavras, mas nas coisas em si, este poema final, esta mensagem é um grande coroamento para o último dia de sua vida...

Emmanuel, no Livro: “Palavras de Emmanuel, disse que “A grande tarefa do mundo espiritual, em seu mecanismo de relações com

os homens encarnados, não é a de trazer conhecimentos sensacionais e extemporâneos, mas a de ensinar os homens a ler os sinais divinos que e vida terrestre contém em si mesma, iluminando a marcha para a espiritualidade superior."

Caeiro foi exatamente isso, um poeta cujo grande mérito foi ler os sinais divinos que estão na natureza criada por Deus.

Poemas do espírito Ricardo Reis

“Se recordo quem fui, outrem me vejo,
E o passado é o presente na lembrança.

Quem fui é alguém que amo

Porem somente em sonho.

E a saudade que me aflige a mente

Não é de mim nem do passado visto

Senão de quem habito

Por trás dos olhos cegos.

Nada , senão o instante, me conhece

Minha mesma lembrança é nada, e sinto

Que quem sou e quem fui

São sonhos diferentes

.....

“Não sei de quem recordo meu passado

Que outrem fui quando o fui, nem me conheço

Como sentindo com minha alma aquela

Alma que a sentir lembro

Para o espírito de Ricardo Reis, a morte era a desintegração completa dos átomos que constituíam os corpos físico e espiritual. Desta forma, os átomos, eternos e indestrutíveis, estariam livres para constituir outros corpos, novos espíritos, novos seres.

Um pensamento originado nos ensinamentos de Epicuro, filósofo grego de quem Reis foi seguidor. Vê-se que havia uma espiritualidade nascente nas ideias daquele grego que instruiu em vida o espírito Ricardo Reis. Talvez este tenha sido dentre os heterônimos de Pessoa o mais próximo dos ensinamentos espíritas atuais. Abertamente faz alusões à reencarnação, a seu modo epicurista é verdade, o que deixa de ser a reencarnação que pregamos, mas basta ler os versos: “outrem me vejo”, “o passado é o presente na lembrança”, ademais, Ricardo fala do sonho, cuja saudade não é dele e nem o passado visto, mas de quem habita esse “novo corpo”, entretanto está impedido de perceber as vidas de antes e a de agora, tanto assim conclui que “quem sou e quem fui são sonhos diferentes”.

Ao longo de toda a obra de Ricardo Reis, esta forma de pensar, cujos átomos desintegrados se agrupariam na formação de novos corpos e novos espíritos, vai estar presente, embora sendo uma maneira de ver diferente do espiritismo pois esta doutrina prega que a identidade do espírito é permanente e não se desintegra.

“Cada um é herdeiro de si mesmo” disse Joanna de Ângelis e, apesar da desintegração epicurista, Ricardo Reis falava igualmente da reencarnação, por isso mesmo, pela perda de identidade é que ele afirma, no segundo quarteto do texto acima, que “quem outrem fui, quando fui, nem me conheço”, e nem poderia, porque a união dos átomos para os epicuristas não mantinha a identidade nem do corpo nem do espírito anterior. Este saber, que é o dele, diferente de nossa forma de pensar, mas que em parte nos confirma, é o que ele nos

passa, aliado a uma constante preocupação em nos dar ensinamentos de como conduzir nossas ações na vida aqui nesta terra, para que os seres humanos possam ser melhores a cada dia, como veremos no exemplo a seguir.

Para ser grande, sê inteiro: nada
 Teu exagera ou exclui.
 Sê todo em cada coisa. Põe quanto és
 No mínimo que fazer.
 Assim , em cada lago a lua toda
 Brilha, porque alta vive

Das odes de Ricardo Reis, esta é a que mais me agrada pela sua posição contundente sobre o comportamento dos seres humanos no cotidiano da vida. Muitas outras mensagens, em Emmanuel, André Luiz, e outros espíritos, coincidem com as palavras de Ricardo Reis. Logo no começo, no primeiro verso, lemos :”Para ser grande , sê inteiro”, e é exatamente isso que pregamos na doutrina espírita. Somos corpo e alma, só assim somos inteiros, cuidando das coisas do corpo e das coisas da alma. Ademais, é por inteiro, sem excluir ou exagerar nada que devemos agir nas grandes e pequenas causas da vida diária e ao longo da existência. Metade de você não é você. Não dá para cuidar das materialidades e esquecer-se da espiritualidade e vice-versa, por isso , “ sê inteiro”

Depois, o poeta nos incentiva a nos colocarmos por inteiro em tudo que fazemos, sem nos esquecermos das pequenas ações, as quais muitas vezes acabam nos estimulando a negligenciar com os pequenos e nos dedicarmos ao máximo com os grandes. A boa conduta

é sermos simplesmente nós mesmos, tal qual podemos ser nos grandes e pequenos momentos em que a vida nos chama a intervir.

E ao final, uma figura de retórica, sobre a lua brilhar no lago, e por que isso é possível ? Porque ela vive alta, assim como qualquer um de nós podemos caber nos pequenos feitos diários, desde que sejamos altaneiros. Assim, para o trato com o próximo e com a vida, somos grandes quando nos colocamos por inteiros e é essa a mensagem que nos dão nossos mentores espirituais: somos seres do mundo, e neste mundo, sendo simplesmente o que somos, nossa humanidade nos fará agir para crescer e com isso alcançarmos os graus de evolução que viemos buscar em cada reencarnação.

De que vale sermos humildes com os poderosos, por puro medo e interesse, e sermos arbitrários e truculentos com os menos favorecidos pela vida ? Ser grande é exatamente isso: ser o mesmo, nem se escondendo do medo, nem se impondo por truculência aos que não podem se defender.

Mais ainda: "Toda pessoa que serve além do dever encontrou o caminho para a verdadeira felicidade." , nos diz André Luiz, e colocar-se por inteiro é servir além do que poderíamos chamar de meramente o dever. Quem assim o faz caminha, de fato, para ser grande.

“Aos que a riqueza toca

O ouro irrita a pela.

Aos que a fama bafeja

Embacia-se a vida.

Aos que a felicidade

É sol, virá a noite.

Mas ao que nada espera
Tudo que vem é grato”

Este poema nos coloca frente a frente com aquilo que nos fascina na vida, quando nos entregamos às materialidades. Há os que esperam demais, procuram demais, o ouro , o sucesso, a glória. Há, por outro lado, aqueles para quem a vida é mais simples, onde a fartura não é tão relevante, a glória é tida como efêmera, os prazeres findam.

Não se trata de não querer o que há de melhor, basta apenas não se encantar com um sol de possibilidades. Os que se satisfazem com o que lhe basta, vivem mais para o espírito do que para a matéria e creem nas palavras bíblicas de que Deus proverá. É isso que a todo instante as obras do Chico nos ensina, assim como a vida dele, sendo o grande exemplo de vida para nós e que muito nos ensinou.

Emmanuel nos sentencia que "Perdão e tolerância são alavancas de sustentação da nossa paz íntima." Daí a importância dos dois versos finais “ Mas ao que nada espera / Tudo que vem é grato”. E não é isso que devemos fazer a todo instante ? Agradecer a Deus pelo que nos é dado, e aqui sim , está a simplicidade da vida, o saber agradecer, ter a paz íntima que todos buscam, sem se exasperarem na faina incontida do excesso de ter, ter, ter. A grande paz é ficar feliz com o que se tem e não infeliz por conta daquilo que se quer a mais e não se tem. Como tudo, em Reis, há uma pedagogia espiritual na sua obra que revela um saber acumulado de quem já viveu vidas sucessivas e amalhou um rol de conhecimentos. Ricardo Reis escreve para nos tornar melhor.

“Vivem em nós inúmeros;
Se penso ou sinto, ignoro
Que é que pensa ou sente.

Sou somente o lugar
Onde se sente ou pensa

Tenho mais almas que uma.
Há mais eus do que eu mesmo.
Existo todavia
Indiferente a todos
Faço-os calar: eu falo

Novamente Ricardo Reis se refere à reencarnação. Vivem nos seres humanos , inúmeros, isto é , são as inúmeras vidas em sucessivos nascimentos que vivem numa alma encarnada com todo o cabedal das existências passadas. E mais que isso : “ sou somente o lugar / onde se sente ou pensa/ tenho mais almas que uma / há mais eus do que eu mesmo”. Uma forma poética para falar do ser múltiplo que somos todos nós, fruto da sucessão de vidas e experiências das reencarnações pelas quais passamos.

Ricardo Reis nos brinda com este ensinamento que nos faz refletir sobre a significação da nossa vida, afinal somos de fato o lugar, o espaço físico onde a alma se manifesta e outra não é a função do corpo que não esta de abrigar o espírito encarnado em busca de aprimoramento e seguir trilhando o caminho do reencontro com o Criador.

No Parnaso de Além-Túmulo, um espírito que apenas se denominou como Marta, nos brinda com o poema <Unidade> e a um momento diz “Espiritualmente, / Somos filhos de um só Pai, / Somos as frondes que se interpenetram / De uma só árvore genealógica , / Cujas raiz insondável / Está no coração augusto de Deus”, por isso somos

muitos num só espaço/tempo na busca da unidade, sem perder a individualidade espiritual, advinda de um só Pai, impetrando-nos na convivência da vida que vivemos a cada reencarnação.

Poema do espírito Álvaro de Campos

“Sou quem falhei ser
Somos todos quem nos supusemos
A nossa realidade é o que não conseguimos nunca
[...]
Que é da minha realidade, que só tenho a vida ?
Que é de mim, que sou só quem existo ?
Quantos Césares fui !
Na alma, e com alguma verdade;
Na imaginação, e com alguma justiça;
Na inteligência, e com alguma razão –
Meu Deus! Meu Deus! Meu Deus!
Quantos Césares fui!
Quantos Césares fui!
Quantos Césares fui!”

“Quantos Césares fui”, mesmo Álvaro de Campos, com sua modernidade, com seu estilo modernista nos confronta com a afirmação de ter sido muitos. Mais que isso: “Sou quem falhei ser / Somos todos

quem nos supusemos / A nossa realidade é o que não conseguimos nunca” .

Esta tem sido a nossa trajetória, tentarmos viver uma realidade que não conseguimos nunca. Nossa realidade encarnada é a alma que não é o espírito desencarnado, assim , vivemos uma unidade dúplice de sermos coisas diferentes que se completam , mas não sermos sempre uma mesma coisa, porque quando alma , voltaremos a ser espíritos; quando espíritos, voltaremos a ser almas até chegar ao dia em que tudo isso será uma coisa só e a face de Deus se revelará.

A realidade é aquilo que não conseguimos alcançar porque a vida se repete em busca de mais e mais perfeição Nossa função neste mundo é cumprir o plano, seguir as provas escolhidas antes da reencarnação, mas , como ele mesmo diz: “sou quem falhei ser”, e, perguntamos, quem não falhou ? Mas houve falhas, por isso, “quantos Césares fui!”, veja bem, não é uma pergunta, é uma constatação de quantos ele foi na busca de suprir a falha , da mesma maneira que ele lamenta a realidade jamais alcançada, porque mesmo tendo sido inúmeros Césares, ainda lhe falta purgar a vida e buscar a evolução. André Luiz diz que “ Existência é tudo aquilo que fizemos de nós até hoje”, esta é nossa sina, somar as reencarnações, afinal o que buscamos é saber “ Quantos césares fui!”

Poemas de Fernando Pessoa Ele-mesmo

“Nos vastos céus estrelados
Que estão além da razão,
Sob a regência de fados

Que ninguém sabe o que são,
 Há sistemas infinitos,
 Sóis centros de mundos seus,
 E cada um é um Deus.
 Eternamente excluídos
 Uns dos outros, cada um
 É Universo”.

Toda uma cosmogênese está dita neste poema. É isto que acreditamos e professamos. Os sistemas infinitos de sóis sendo o centro de outros mundos habitados, moradas da casa do pai. E em cada um deles um Deus. O nosso é Jesus, o Cristo, outros são aqueles que conheceremos um dia, cada um cuidando do seu mundo.

Contudo, a afirmação final é maravilhosa “ cada um é um Universo”. E não é isso mesmo o que somos ? Um universo individualizado ? Outros heterônimos de Pessoa, sobre cada ser, disseram que existiam muitos em um só. Esta pluralidade que habita em apenas um está diretamente ligada à multiplicidade das formas que vivemos, isto é, os corpos que habitamos, os defeitos que vivemos, os pecados cometidos, as alegrias e as tristezas, as vitórias e as derrotas.

Ademais, “Sistemas infinitos / sóis centros de mundos seus / E cada um é um Deus/ Eternamente excluídos/ Uns dos outros. Uma maneira poética e genial de dizer que na casa do Pai há muitas moradas, e cada uma delas, independente das demais , cumpre sua missão, sem olhar para o ontem , sem se preocupar com o amanhã, porque passado e futuro só ao Pai pertence. O que Ele deseja é que cumpramos o nosso agora, respeitando cada Deus em seu espaço-tempo assim como respeitamos e seguimos o nosso : Jesus.

“Nesta vida em que sou meu sono,
Não sou meu dono,
Quem sou é quem me ignoro e vive
Através desta névoa que sou eu
Todas as vidas que eu outrora tive,
Numa só vida”.

Tenho reforçado minha suspeita de que a própria obra de Pessoa Ele-mesmo, quando ele escreve sem se referir a nenhum heterônimo, muitas vezes é fruto de mediunidade, tamanha a força espiritual que seus versos possuem. Neste trecho o sentido de estar reencarnado é flagrante. Expressões como “sono”, “ não ser meu dono”, ou o ignorar através de uma “ névoa” todas as vidas passadas, as quais se unem “numa só vida” como concluiu o último verso, se constituem em confissões latentes de que a certeza da reencarnação que ele está vivendo é muito grande.

O dormir do espírito no momento em que encarna é fazer por acordar a alma com vistas a aprender pela prática de vida, o cumprimento da sua missão, as provas a serem vencidas. Por isso não tornam o poeta dono de si, nem poderia, pois o caminho a ser trilhado já foi escolhido. O que ele é hoje, nada mais que uma névoa, é o que impede a lembrança das outras vidas, e isto vive nele, nesta existência , somatória de todas as demais, posto que a alma, espírito encarnado, carrega consigo a pluralidade das existências vividas. O poema é claro demais para ser negligenciado como não sendo uma mensagem espírita, fruto da mediunidade pessoana.

Não há como não ver o que todos nós sentimos e sabemos, todas nossas vidas estão numa vida só: esta

.....

PRECE

Senhor, que és o céu e a terra. Que és a vida e a morte

O sol és Tu e a lua és Tu e o vento és Tu!

Tu és os nossos corpos e as nossas almas e o nosso amor és Tu também.

Onde nada está, Tu habitas e onde tudo está templo – eis o Teu corpo.

Dá-me alma para Te servir e alma para Te amar.

Dá-me vista para Te ver sempre no céu e na terra.

Ouvidos para Te ouvir no vento e no mar.

E mãos para trabalhar em Teu nome.

Torna-me puro como a água e alto como o céu.

Que não haja lama nas estradas dos meus pensamentos,

Nem folhas mortas nas lagoas dos meus propósitos.

Faze com que eu saiba amar os outros como irmãos.

E servir-te como a um pai.

Minha vida seja digna da Tua presença,

Meu corpo seja digno da terra, Tua cama.

Minha alma possa aparecer diante de Ti como um filho que volta ao lar.

Torna-me grande como o sol para que eu possa Te adorar em mim.

E torna-me puro como a lua para que eu possa Te rezar em mim.

E torna-me claro como o dia para que eu Te possa ver sempre em mim.

E rezar-Te adorar-Te.

Senhor, protege-me e ampara-me. Dá-me que eu me sinta Teu

Senhor , livra-me de mim.

Finalizei esta sequência de textos com o poema “Prece” de Fernando Pessoa Ele-mesmo . A prece, feita em poema, por si só, seria linda, emocionada, rica em valores espirituais, mas seria uma prece quase que comum, afinal, várias outras preces , antigas e modernas, escritas por inúmeras pessoas, dizem a mesma coisa: adorar a Deus, servir ao Pai, estar com os irmãos , ouvir a Deus através do vento e do mar, enfim , nada traria de a mais , se não fosse o último verso. Aqui sim , a profundidade da compreensão do real motivo em estar aqui, nesta vida. Neste verso se expressa a riqueza de tudo que foi dito e de tudo que Fernando Pessoa acredita. É preciso ter a compreensão real de como viver, de como estar na terra, de como servir a Deus para dizer : “ Senhor, livra-me de mim”

É estando em nós mesmos, cheios de orgulho e vaidades vãs, que esquecemos os ensinamentos de Deus, e aí pecamos pela omissão ou pelo excesso, nos encantamos com o mundo e nos esquecemos da doutrina, enfim , basta estar em si mesmo, enchendo a si mesmo de você, que Deus não cabe, e some de dentro de seu coração e de sua alma.

Aquilo que precisamos para evoluir está em nós porque Deus está em nós igualmente. Encher-se de si mesmo é impedir o real entendimento da evolução, é narcisisticamente encartar-se com a própria voz, a própria imagem. Quem se locupleta de si mesmo, não permite sequer ser amado por outrem porque o espelho da vida tem que refletir apenas a sua imagem.

Por isso, “livra-me de mim” , traga a humildade que preciso, traga a palavra que não é apenas a minha, traga um sentido maior para minha

existência , afinal, o sentido que dou a minha vida tem apenas as minhas necessidades e não as do próximo e é preciso livrar-se disso para plenamente se encher de Deus.

Ademais, livrar-se de si mesmo é deixar de ser você para voltar a estar junto ao pai. No fundo, é como que buscar o plano superior, onde tudo e todos formam a mesma corrente de pluralidades, sem egoísmos, embora não se perca a individualidade do espírito.

Não é possível quem tenha criado este verso não ter ligações espirituais com o alto, não ter a inspiração divina, não estar psicografando, porque esta mensagem , feita em tom de prece, excede a mente meramente humana, mais afeita ao corpo, às vaidades, à busca do que é bom apenas para si mesmo.

Seriam inúmeros outros exemplos iguais que poderíamos ler nos textos dos “heterônimos” pessoanos. A rigor, os espíritos que se permitiram psicografar através da mediunidade de Fernando Pessoa deixaram suas pistas para serem entendidos como entidades espirituais reais, e não fruto da imaginação e da criação do poeta.

Foram textos e mais textos, eivados de doutrina espiritual que desfilam dentro da obra do poeta português, e comentá-las todas seria um trabalho hercúleo. Os exemplos acima bastam por si como confirmação da tese que defendemos, mas há muitas outras “pistas” da mediunidade pessoana com a finalidade de se mostrar espírito e nos proporcionar elementos de reflexão para esta vida com o objetivo de melhor entender a vida que virá. A espiritualidade nele transborda e convido o leitor a ler mais trechos, dando sua interpretação aos versos pessoanos que seguem, tentando buscar atrás das palavras tudo aquilo que ele nos passa com sua poética inspiradora e mediúnica.

“ O essencial é saber ver,
Saber ver sem estar a pensar,
Saber ver quando se vê,
E nem pensar quando se vê
nem ver quando se pensa”

.....

“ O que é o presente ?
É uma coisa relativa ao passado e ao futuro.
É uma coisa que existe em virtude de outras coisas
existires.
Eu quero só a realidade, as coisas sem presente”

.....

“ Não sou nada.
Nunca serei nada.
Não posso querer ser nada.
À parte isso , tenho em mim todos os sonhos do
mundo”

.....

“ Ah, o ópio de ser outra pessoa qualquer !

“ Meu ser vive na Noite e no Desejo,
Minha alma é uma lembrança que há em mim”

.....

“ Longe de mim em mim existo
À parte de quem sou,
A sombra e o movimento em que consisto”

.....

“Mendigo do que não conhece.
 Meu ser na estrada sem lugar
 Entre estragos amanhece...
 Caminha só sem procurar

.....

“ Meus dias passam, minha fé também.
 Já tive céus e estrelas em meu manto
 As grandes horas, se a viveu alguém
 Quando as viveu, perderam já o encanto”

.....

“Nunca soube querer, nunca soube sentir, até
 Pensar não foi certo em mim
 Deitei fora entre urtigas o que era a minha fé,
 Escrevi numa página em branco, ‘ Fim’ “

.....

Pus o meu Deus no prego. Embrulhei em papel pardo
 As esperanças e ambições que tive,
 E hoje sou apenas um suicídio tardo,
 Um desejo de dormir que ainda vive

Em todos os trechos, a mesma temática: o sono, a vida não vivida, um certo abandono da fé ainda não concebida, esquecida, deixada de lado, fruto do abandono da mediunidade que ele insistia em dizer que não mais a tinha, mas que lhe fazia falta.

Sua angústia pessoal, um certo nihilismo , a sensação de uma lembrança de si mesmo (seria de outras vidas?) o atormentaram, mas

deixaram a nós esta grandeza poética que lhe foi dada como se fora a “criação dos deuses” – assim diriam os antigos - ou um canal aberto para se falar com o Alto , degustando a maravilhosa sensação das emanções espirituais , como bem nos diz as palavras de Léon Denis, em O Espiritismo na Arte:

“Lembramos aqui que todo espírito emanado de Deus não possui somente uma centelha da inteligência divina; ele desfruta, ainda, de uma parcela do poder criador, poder que ele é chamado a manifestar mais e mais no decorrer da sua evolução, tanto nas encarnações planetárias quanto na vida do espaço”.

Emmanuel , com propriedade nos diz:

“Não bastam o engenho e a habilidade. Não satisfaz a simples visão psicológica. É preciso luz divina. Há homens que, num instante, apreendem toda a extensão dum campo, conhecem-lhe a terra, identificam-lhe o valor. Há, todavia, poucos homens que se apercebem de tudo isso e se disponham a suar por ele, amando-o antes de explorá-lo, dando-lhe compreensão antes da exigência. Nem sempre a luz reside onde a opinião comum pretende observá-la. Sagacidade não chega a ser elevação, e o poder expressivo apenas é respeitável e sagrado quando se torna ação construtiva com a luz divina. Raciocina, pois, sobre a própria vida. Vê, com clareza, se a pretensa claridade que há em ti não é sombra de cegueira espiritual”.

Fernando Pessoa transcendeu o engenho e habilidade, mas o vislumbre que teve da possibilidade mediúnica, embora usando-a, ele não a admitiu de fato. E como foi dito acima “ sagacidade não chega a ser elevação”. Ele foi muito, foi muitos, foi genial, poderia ter sido mais se como diz Emmanuel “ ... o poder expressivo apenas é respeitável e sagrado quando se torna ação construtiva com a luz divina”.

Assim, convido os amantes da Literatura e os irmãos de fé a entrarem nas páginas pessoais, quer pela crença da mediunidade do poeta, ou quer por puro deleite e prazer da leitura, porque vale a pena, afinal foi Fernando Pessoa quem se eternizou ao dizer que

“ Tudo vale a pena se a alma não é pequena”.

IX – Uma conclusão (seria possível ?)

É possível uma conclusão definitiva ? Fernando Pessoa precisa ainda de muitas páginas para se concluir de forma insofismável o entendimento de sua obra, de sua personalidade, enfim, a pessoa de Fernando. E até lá, como ele mesmo termina a carta enviada a sua Tia Anica : “Enfim, será o que tiver de ser”...

Sabidamente, muito de sua produção escrita já foi analisada, muito ainda não; além disso, muito não será dado a conhecer tão cedo, requerendo mais estudo, que, por puro capricho de alguns editores, teimam em não considerar a mediunidade pessoal, porque ela não condiz com os cânones da crítica acadêmica.

No “Parnaso de Além Túmulo”, psicografado por Chico Xavier, na sua primeira edição em 1.932, foram 60 poemas de 9 poetas. Em 1.955, onde se fixou a edição atual, foram 259 poemas e 56 poetas, 23 anos após, e com muita psicografia. Não nos esqueçamos, como disse no início deste trabalho, após a morte de Pessoa, foram encontrados

milhares de textos na sua famosa arca de madeira – muita produção literária para uma só alma !

Creio que podem existir, e de certo existem , mais textos que comprovem esta tese da mediunidade e da psicografia de Fernando Pessoa, além de outros heterônimos, ou espíritos que se permitiram ser psicografados pelo poeta português.

São muitos textos diferentes em estilo, temática e compreensão do mundo para que uma só personalidade, por conta do já falado e decantado, Transtorno Dissociativo de Identidade, ou transtorno de múltiplas personalidades, pudesse multiplicar um ser em tantos outros como ele se multiplicou .

Talvez Alberto Caeiro, Ricardo Reis, Álvaro de Campos, Alexander Seach, Antônio Mora, Rafael Baldaya, Bernado Soares e/ou Vicente Guedes, Barão de Teive e Frei Maurice, apenas para citar os nove abordados no estudo de Anaxsuell Fernando da Silva, pudessem voltar e se manifestarem em novas psicografias, o que aí sim comprovaria esta tese. Aliás, seria glorioso !

Mas a comunicação com os espíritos é uma via de mão única, são eles que se manifestam, psicografando ou não, por sua própria vontade e não pela nossa, e seus motivos fogem à nossa compreensão, por mais que desejássemos que o diálogo com o além fosse mais intenso e fácil. Não é.

O que nos é oferecido é o que podemos conhecer da obra pessoana. Ela está aí a desafiar nossa inteligência e a comprovar nossa fé. Mas , sobretudo, está aí para ser lida, pensada, refletida e amada, porque é grandiosa, boa e bela , sobretudo, porque ela é mediúnica, e acima de tudo, ela é espiritual.

X – Autores Consultados

Foram consultados os autores abaixo em várias de suas obras, teses, comentários e referências em livros e na web

- 1) Allan Kardec
- 2) Anaxuelli Fernando da Silva
- 3) Antônio Quadro
- 4) Carlos Felipe Moisés
- 5) Casais Monteiro
- 6) Chico Xavier, em psicografias de Emmanuel e André Luiz
- 7) Cíntia Maritz dos Santos Ferraz Machado
- 8) Divaldo Franco, na psicografia de Joana de Ângelis
- 9) Fernando Cabral Martins
- 10) Fernando Pessoa, textos vários – poemas e cartas.
- 11) José Barreto
- 12) Léon Denis
- 13) Massaud Moisés